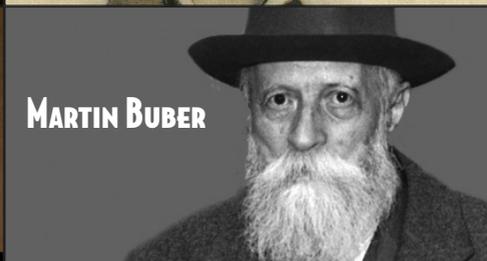
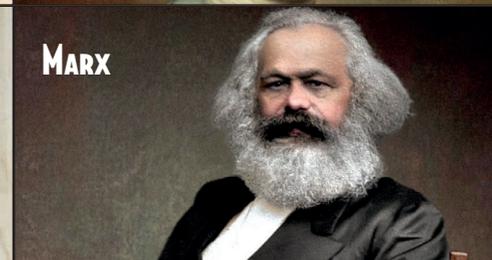
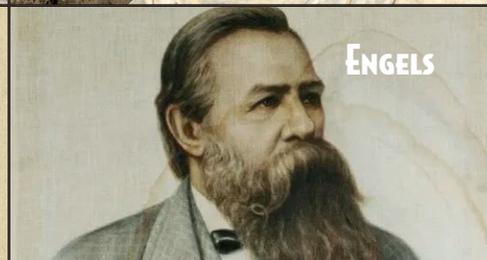
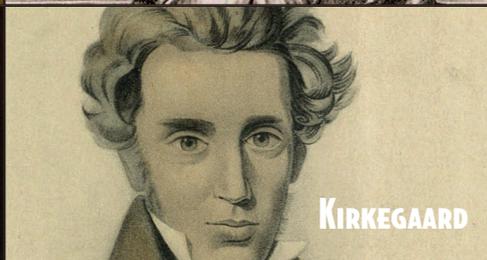
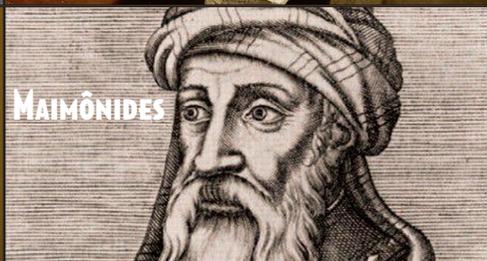
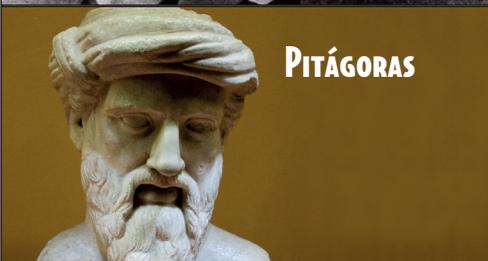
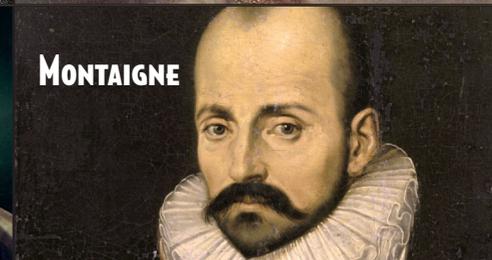
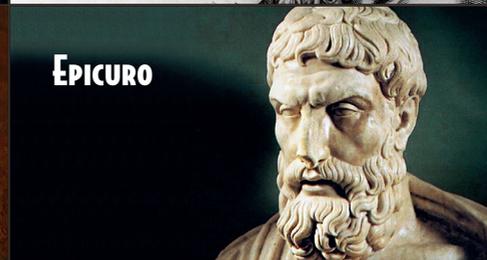
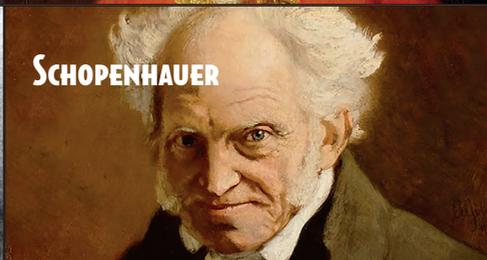
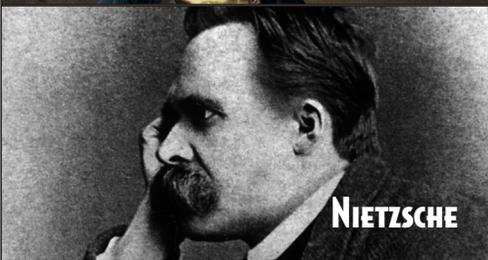
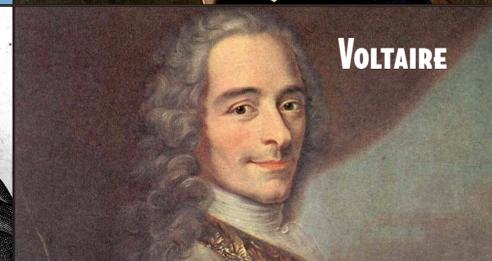
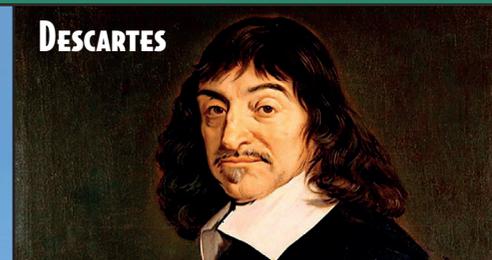
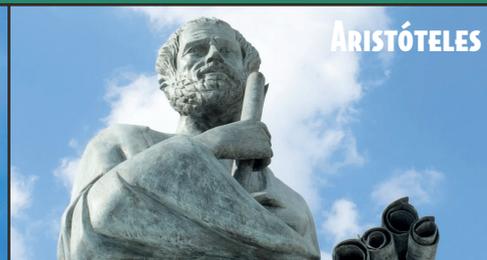
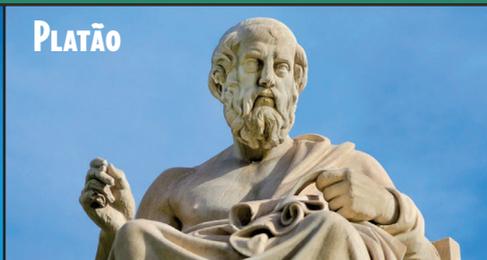
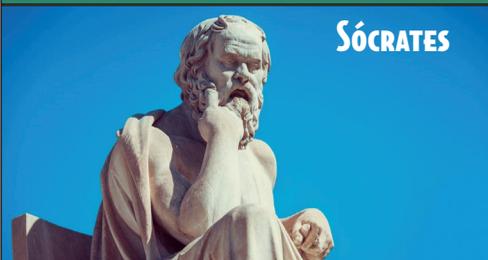


# Jornal de Letras

Opiniões  
Depoimentos  
Novos Lançamentos  
Entrevista  
Literatura Infantil

Número: **258**

Mês: Agosto  
Ano: 2020  
Preço: R\$ 5,00



## Memórias da Quarentena

A literatura costuma tomar mais tempo do que outras artes para refletir sobre o tempo. Com o isolamento forçado da pandemia do novo coronavírus que assolou o país, vários trabalhos literários de fôlego foram tomando forma. Lançando luzes sobre as suas próprias memórias, sem se esquivar dos momentos de sombra, o acadêmico Arnaldo Niskier registrou em texto várias lembranças de sua trajetória, incluindo a experiência de muitos anos de magistério. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

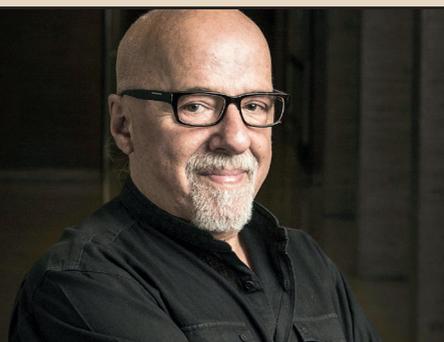


ACESSE:  
[www.folhadirigida.com.br/  
edicoes-digitais/  
jornal-de-letras](http://www.folhadirigida.com.br/edicoes-digitais/jornal-de-letras)

**JL** Editorial

Com tantas limitações que nos foram impostas pela pandemia, seria um verdadeiro desperdício deixar de aproveitar nosso tempo precioso sem uma dedicação especial à literatura. E assim nasceu o livro *Memórias da Quarentena*, com 85 artigos de atenção aos temas da Educação e da Filosofia. Certamente, será de extrema utilidade para os estudiosos de Pedagogia, que se ressentem de obras especializadas. O curioso é que somos razoavelmente abastecidos de autores estrangeiros, o que nos faz saudosos de contribuições como as dos nossos Anísio Teixeira, Paulo Freire e Lourenço Filho, entre outros. De todo modo, o JORNAL DE LETRAS faz a sua parte, colocando o tema em discussão entre os seus leitores. A educação é sempre uma prioridade.

O editor.

**PAULO COELHO****ALFREDO BOSI****CLEONICE BERARDINELLI**

Em agosto, a homenagem do JL aos queridos acadêmicos aniversariantes do mês: D. Cleonice Berardinelli (104 anos, dia 28), Alfredo Bosi (84, no dia 26) e Paulo Coelho (73, dia 24).

**JL** Expediente

**Diretor responsável:** Arnaldo Niskier

**Editora-adjunta:** Beth Almeida

**Colaboradora:** Manoela Ferrari

**Secretária executiva:** Andréia N. Ghelman

**Redação:** R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: [institutoantares.info@gmail.com](mailto:institutoantares.info@gmail.com)

**Distribuidores:** Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

**Correspondentes:** António Valdemar (Lisboa).

**Programação Visual:** CLS Programação Visual Ltda.

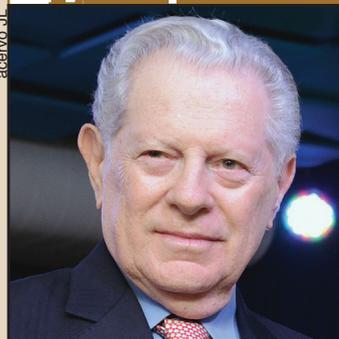
**Fotolitos e impressão:** Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

**Versão digital:** [www.folhadirigida.com.br/edicoes-digitais/jornal-de-letras](http://www.folhadirigida.com.br/edicoes-digitais/jornal-de-letras)

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO  
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.

**JL** Opinião

Arnaldo Niskier

**Um pastor no comando da educação**

Com um ano e meio de mandato, o presidente Jair Bolsonaro tem hoje o seu quarto ministro da Educação. Trata-se do pastor Milton Ribeiro, de 62 anos, paulista, formado em Direito e Teologia, Doutor em Educação pela USP, mestre em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, da qual foi vice-reitor. Em matéria de currículo, talvez somente se pudesse desejar um pouco mais de experiência em gestão pública.

Ele terá o apoio da bancada evangélica, tem um perfil conciliador e enfrentará grandes desafios, como a volta às aulas, a votação do Fundeb, que mexe com a educação básica em 4.800 municípios, a implantação do novo ensino médio, os exames do Enem, o bloco curricular, a realidade do ensino público e o aperfeiçoamento da formação de professores e especialistas.

Devemos dar um crédito de confiança ao novo titular. A sua formação na Universidade Mackenzie é altamente respeitável. Conheço essa instituição, pois nela militou por mais de 30 anos o meu irmão mais velho, Sylvio, responsável pela cátedra de Geometria Descritiva nos cursos de Engenharia e Arquitetura. Dela foi reitora e a primeira mulher ministra da Educação, a professora Esther Figueiredo Ferraz, de notáveis serviços prestados ao país. Com ela tive o prazer de conviver no então Conselho Federal de Educação.

O professor Milton Ribeiro é membro da Comissão de Ética da Presidência da República e tem duas especializações em Velho Testamento. Já era, pois, figura conhecida do atual governo. O que se deseja é que construa pontes entre o MEC (que tem para este ano uma verba de 118 bilhões de reais) e as Secretarias Estaduais e Municipais de Educação, para alcançar uma educação de qualidade, como hoje acontece na Coreia do Sul, no Canadá, em Taiwan e outros países que podem servir de exemplo. Queremos o Brasil como uma potência em educação, com base num magistério grandemente fortalecido. Terá uma atenção especial aos resultados dos exames Pisa, nas áreas de português e matemática. O Brasil tem estado atrás dos 50 primeiros colocados, o que seguramente é insustentável.

E certamente estará atento as 20 metas prioritárias do MEC (estabelecidas pelo INEP). Realizamos apenas 13,4% do pretendido. É muito pouco.

“Se a única coisa que de o homem terá certeza é a morte;  
a única certeza do brasileiro é o carnaval no próximo ano.”

Graciliano Ramos

“O mal-humorado é alguém sem imaginação”

Ruy Castro

# Galáxia dos dias

Por Manoela Ferrari

*Galáxia dos Dias*, um baú comemorativo da obra do poeta goiano Gabriel Nascente, lançado pela Editora Kelps, reúne toda a poesia do autor. Trata-se de uma caprichadíssima coletânea contendo quatro volumes de mais de mil páginas cada um, com poemas revisados e, alguns deles, ampliados. A ideia da compilação se deu devido a muitos livros do poeta já estarem esgotados, não sendo encontrados sequer em sebos.

Os prêmios nacionais que acumulou ao longo da carreira comprovam a robustez da obra do ocupante da cadeira nº 40 da Academia Goiana de Letras. Finalista do Prêmio Jabuti 2001, com *A Torre de Babel*; vencedor do Prêmio Nacional de Poesia Cruz e Sousa de Literatura, com *A Lira da Lida*, em 1996; segundo lugar no certame nacional de poesia Centenário de Henriqueta Lisboa, de Belo Horizonte, também com *A Torre de Babel*, além de outros chuveiros de prata pelo Brasil afora, culminou com o mais significativo deles, o Prêmio Nacional de Poesia da Academia Brasileira de Letras, com *A Biografia da Cinza*, em 2014.

O autor de *Os Gatos* (primeiro livro, lançado em 1966) costuma dizer que existe algo intuitivo que vai além do intelecto, que escreve por ele: “Como se fosse um outro eu, o lado anjo e frugal da usina que jorra palavras lá de cima, da alma dos mistérios.” Sob o fluxo da criação divina, quando a poesia “chega”, sai o Gabriel Nascente e fica o poeta, com o seu ofício.

Aos 70 anos, Nascente “respira” poesia. Nascido em Goiânia, no dia 23 de janeiro de 1950, a infância do menino “Bié” foi vivida, ao lado de sete irmãos, em contato com a rudeza operária da marcenaria do seu pai, Antônio Estrela Nascente (Seu Tunico), um dos pioneiros da construção da nova capital goiana. “Era um poeta sem caneta na mão, mas de suas mãos saíam contornos mágicos para a fabricação de molduras e de móveis, com madeira nobre”, lembra saudoso.

Estudou Eletrotécnica na Escola Técnica Federal de Goiás, mas sua paixão sempre foi a poesia. Publicou o primeiro livro aos 16 anos e nunca mais parou. Seu nome figura em diversas antologias, inclusive em edições bilíngues, com poemas traduzidos e publicados em vários idiomas, dos Estados Unidos a Grécia, com extensa participação em jornais, revistas brasileiras e estrangeiras. É reconhecido internacionalmente pela crítica, além de detentor dos prêmios nacionais. Em 1978, a Academia Paraibana de Poesia lhe outorgou o título de “O Embaixador da Poesia Brasileira”.

Publicou mais de 60 livros, incursionando por diferentes gêneros, desde o ensaio, ficção, reportagens, narrativas, crônicas, além da poesia. Tendo estreado em livro ainda na adolescência, sua produção é impressionante, resultando na média de um volume por ano. Editor de diversas revistas e jornais de Goiânia, destacou-se como âncora editorial do suplemento literário (LEIA), do *Jornal Diário da Manhã*. Escreveu, durante anos, crônicas para o jornal *O Popular*, de Goiânia.

Seu nome é citado com verbetes em diversos dicionários e enciclopédias da literatura brasileira, merecendo do poeta e acadêmico Carlos Nejar, da Academia Brasileira de Letras, elogioso texto no importante livro *História da Literatura Brasileira*.

Ex-presidente do Conselho Municipal de Cultura de Goiânia, o assessor cultural do Tribunal de Justiça de Goiás acredita que a poesia deve causar “abalo sísmico” na sensibilidade receptora de quem a lê. O leitor precisa sentir um choque tênue de vibrações emocionais ao ler um grande poema; do contrário, “não é matéria do etéreo”, afirma.

A modernidade o aborrece. Segundo ele, a humanidade está cada vez mais robótica, sem alma. Com o advento da “inferneta”, acredita que as pessoas já não querem mais pensar, estando viciadas à praticidade alienante do automatismo tecnológico, onde tudo é magnético: “É a síndrome universal da preguiça de pensar.”

Para o autor de *Galáxia dos Dias*, o surgimento da geração tecnológica é preocupante: “Daqui a pouco, eles, em seus laboratórios de

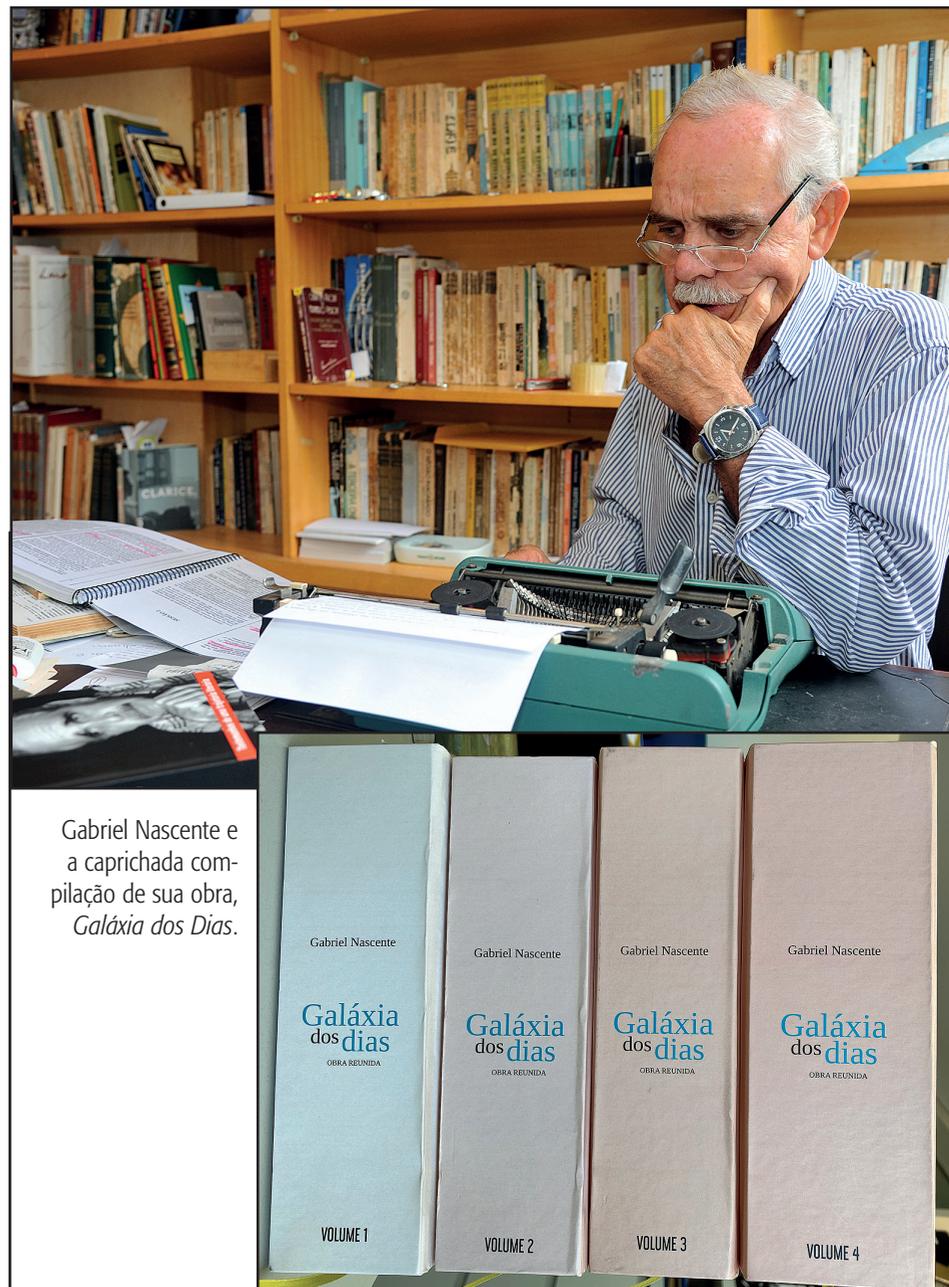
informática, estarão ensinando o computador a escrever poesia.” Mas o poeta é taxativo: “Podem fazer o que quiserem, mas jamais apagarão a supremacia estética de um William Shakespeare, de um Cervantes, ou de um Victor Hugo, Milton, Ezra Pound – esses cânones de magnitude universal.”

Em 2017, ao lançar o CD *Poemas de Garganta*, relembrou as poesias “tribunícias”, conhecidas como poesia de engajamento social para resistir e combater a ditadura militar no Brasil, por volta dos anos 1970. A origem de seus textos, do ponto de vista estilístico, é atribuída por ele à oratória e a tribuna. Até hoje há vestígios dessa prática em seu dia a dia, pois, quando escreve, costuma conversar, escutando a voz da poesia: “Uma loucura criativa que arranca suores da minha alma. O poema é, antes de tudo, um ser semântico, estético, que não morre. Sai de um mistério e entra para o clarão das imagens, criando outro mistério. A poesia em mim é faísca que vira incêndio.”

Indagado sobre o futuro do gênero poético, sentenciou: “Enquanto houver coração batendo, haverá espaço para a poesia, que tem eternidade o suficiente dentro dela para sobrepujar-se às invenções magnéticas, químicas, cirúrgicas e tecnológicas – que fabricam monstros e ilusões em nome de uma civilização extremamente narcisista. Mata-se o homem, mas nunca o esplendor cognitivo do pensamento. Portanto, a globalização não passa de uma psicose coletiva, que delira até babar, depois declina, à procura do romantismo.”

Para o jornalista e escritor goiano Adovaldo Sampaio: “Sua produção poética realizada até agora é um acontecimento cultural e editorial (da digitação ao acabamento) que põe Gabriel Nascente no ponto culminante da Arte e da Cultura de Goiás, do Brasil, das Américas, com ecos e reverberações nos outros continentes. Estofa, ousadia, fé e tenacidade para isso o Poeta tem.”

Todo o espírito poético do “Embaixador da Poesia Brasileira” pode ser conferido na íntegra na caprichada coletânea *Galáxia dos Dias*, leitura obrigatória para os amantes de poesia.



Gabriel Nascente e a caprichada compilação de sua obra, *Galáxia dos Dias*.



● NOTÍCIA DA atual literatura brasileira: entrevistas, livro organizado por Vitor Cei (UFES), André Tessaro Pelinser (UFRN), Letícia Malloy (Unifal) e Andréia Delmaschio (IFES), com o selo da Editora Cousa, apresenta entrevistas com 81 escritores de todas as regiões do país.

● A CASA ROBERTO MARINHO prepara, para 2021, sob a curadoria de Ralph Camargo, uma exposição com retratos de Candido Portinari. A ideia é mostrar os principais personagens da cultura de São Paulo e Rio de Janeiro, das décadas de 1930 e 1940.

● A EDITORA ZAHAR lançou, em e-book, *Veríssimo Antológico: meio século de crônicas (ou coisa parecida)*, de Luis Fernando Veríssimo. A antologia reúne cinco décadas da produção de crônicas do autor, incluindo, além dos clássicos, textos inéditos.

● O PRESIDENTE da Academia de Letras de Cariacica (ES), Marcos Bubach, vai assinar um capítulo no livro do historiador argentino Abel Basti, *Hitler in Brazil*. O convite veio a propósito do livro *Os Mistérios do Casarão em Carapebus e a Fuga de Berlim*, reconhecida obra do capixaba sobre o tema.

● *ME ESQUEÇAM: FIGUEIREDO – BIOGRAFIA DE UMA PRESIDÊNCIA*, escrito pelo advogado e pesquisador Bernardo Pasqualette, chega às livrarias em outubro, pela Editora Record.

● REPRESENTANTE brasileiro nos mais cobiçados postos do Itamaraty, como Washington, Londres e Roma, o embaixador Paulo Tarso Flecha de Lima ganhará fobiografia em grande estilo, montada pelo editor Carlos Leal. A obra sai em dezembro, através da Editora Francisco Alves.

● O ESCRITOR Anaximandro Amorim finaliza a tradução do livro *Ballades Brésiliennes*, de Antonio Dias Tavares Bastos, poeta capixaba que produziu sua literatura em língua francesa, desde que se instalou em Paris, nos anos 1930.

● EXPLORANDO o rico baú da memória africana, *Nada Digo de Ti, que em Ti não Veja*, editado pela Pallas, é o terceiro romance de Eliana Alves Cruz. A escritora carioca venceu o Prêmio Literário Oliveira Silveira, em 2016, com o romance *Água de Barrela*.

● *EU E A SUPREMACIA Branca – como reconhecer seu privilégio e combater o racismo*, de Layla Saad, na lista dos mais vendidos do *New York Times*, teve os direitos comprados para o Brasil pela Editora Rocco.

● O EMPRESÁRIO Carlos Ghosn, ex-presidente mundial da montadora Nissan, vai contar os detalhes de como escapou de sua prisão domiciliar, em Tóquio, e foi parar no Líbano, viajando escondido a bordo de um avião alugado. O texto virá a quatro mãos, escrito com a mulher, Carole, para a Editora Intrínseca. O lançamento, no Brasil, será em 2021.

● APÓS O SUCESSO dos livros *Ideias para Adiar o Fim do Mundo* e *O Amanhã Não Está à Venda*, a Companhia das Letras lança, este mês, *A Vida Não É Útil*, do líder indígena Ailton Krenak, com reflexões provocadas pela pandemia.

● ATÉ O DIA 05 de setembro, estão abertas as inscrições para o Concurso Nacional Novos Poetas – Sarau Brasil 2020, pelo site, [www.concursonovospoetas.com.br](http://www.concursonovospoetas.com.br). Todos os brasileiros natos ou naturalizados, maiores de 16 anos, podem participar.

● *LIBERDADE IGUAL*, livro do advogado Gustavo Binenbojm, estreia o selo História Real, de Roberto Feith em parceria com Jorge Oakim, da Intrínseca.

● CONSIDERADO o maior evento mundial do meio especializado, a Feira do Livro de Frankfurt, na Alemanha, mantém o período de 14 a 18 de outubro para realização. O país acostumou-se a superar obstáculos.

● MEMBRO DA Academia Feminina Mineira de Letras, Jô Drumond prepara o lançamento do livro *Poemáqua*, de poemas e aquarelas, com edição bilíngue francês/português.

● *O DIABO NA CORTE: LEITURA CRÍTICA DO BRASIL ATUAL* (Cortez Editora) é o novo livro do premiado Frei Betto. A obra parte das eleições de 2018 para uma análise da atual conjuntura política do país.

● O CANTOR E compositor inglês Yusuf (ex-Cat Stevens), que morou no Rio de Janeiro entre 1974 e 1982, criou novas versões para antigas canções de sucesso. Uma edição inédita do famoso álbum *Tea for the Tillerman* chegará ao mercado no dia 18 de setembro.

## ZOOM TURMA 2020: PANDEMIA PANDEMÔNIO



● COM SUPERVISÃO de Yara Petrella, a célebre tela Independência ou Morte, de Pedro Américo, ganha os últimos retoques para estar inteiramente recuperada na reabertura do Museu do Ipiranga, em 2022. O local, pertencente à USP, está fechado para visitação desde 2013.

● A EDITORA HÚMMUS, de Lisboa, publicou, em coleção de bolso, três escritores brasileiros: Ignácio de Loyola Brandão, Salgado Maranhão e Carlos Nejar.

● SEGUNDO DADOS do Snel/Nielsen, em meio à pandemia, o mercado editorial brasileiro teve uma discreta melhora no faturamento do primeiro semestre, em relação ao mesmo período do ano passado.

● COM AS LIVRARIAS físicas fechadas, aumentou a participação da Amazon no comércio de livros no Brasil. Entre as grandes editoras, o aumento foi em torno de 40%.

● SAI ESTE MÊS, pela editora Planeta, o novo livro de Pedro Dória: *Fascismo à Brasileira – Como o integralismo, maior movimento de extrema direita da História do país, se formou e o que ele ilumina sobre o bolsonarismo*.

● A ACADEMIA INTERNACIONAL de Artes, Letras e Ciências (ALPAS 21 – A palavra do século 21) convida para o 33º Concurso literário internacional de poesias, contos e crônicas. Com tema livre, os trabalhos devem ser enviados até setembro, para o e-mail [gasia@hotmail.com](mailto:gasia@hotmail.com).

● EM COMEMORAÇÃO ao centenário de nascimento do americano Ray Bradbury (1920-2012), celebrado em agosto, foram reunidos os principais contos de um dos mais geniais escritores dedicados às distopias, na coletânea *Prazer em Queimar*, lançada pela Globo Livros.

● DJAMILA RIBEIRO, autora de não ficção mais vendida no Brasil atualmente, com o seu *Pequeno Manual Antirracista*, está escrevendo, sobre o mesmo tema, uma obra direcionada às crianças.

● DURANTE A PANDEMIA, o escritor Ítalo Campos participou, como organizador, do livro *Era Assim nos Tempos da Fafich*, reunindo depoimentos de colegas de faculdade da Universidade Federal de Minas Gerais, sobre acontecimentos e valores vigentes no país, no início da década de 1970.

● SETE MIL mudas de espécies típicas da flora de Israel serão plantadas no Parque Yitzhak Rabin, no Morro do Pasmado, no Rio de Janeiro, onde está sendo construído o Memorial do Holocausto, com inauguração prevista para dezembro.

● O JORNALISTA Zuza Homem de Mello preparou, durante dois anos em sigilo, a biografia de João Gilberto, cuja morte completou um ano, enquanto seguem as disputas na Justiça em torno do espólio do artista. A história, dividida em 15 capítulos, será publicada pela Editora 34 até o final de 2020.

# Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

## Cuidado com a crase!

“Márcia foi a casa dos avós para lhes fazer uma visita, mas não os encontrou.”

A falta do acento grave indicativo de crase atrapalhou tudo! Veja bem: antes da palavra **casa** só não se admite a crase quando ela se referir ao local onde moramos. Ex.: “Chegou cedo a casa.” Quando o local for determinado, no caso, a casa, deve-se usar a crase. Ex.: “Ela chegou cedo à casa da amiga.” Período correto: “Márcia foi à casa dos avós para lhes fazer uma visita, mas não os encontrou.”



## Cooperação

“Dinorá não quis cooperar com a amiga na distribuição das quentinhas aos mais necessitados.”

Que atitude feia, devemos sempre ajudar os que mais precisam. Não existe o verbo “cooperar”, o correto é **cooperar**. Em tempo: o prefixo **co** se aglutina com o segundo elemento, mesmo quando este se inicia por **o** ou **h** (nesse último caso, elimina-se o **h**). Se a palavra seguinte começar por **r** ou **s**, dobram-se essas letras. Ex.: **cooperar**, **coabitação**, **coerdeiro**, **cofundador** etc.

Período correto: “Dinorá não quis **cooperar** com a amiga na distribuição das quentinhas aos mais necessitados.”

## Sanduíche ruim

“Regiane pediu sanduíche recheado de peito de peru, mas a atendente disse que não tinha.”

Ainda bem! Veja: **peru** é palavra oxítona terminada em **u**, portanto não deve ser acentuada. Lembrando que as oxítonas terminadas em **i** também não devem ser acentuadas. Ex.: Pacaembu, caju, urubu, Parati, abacaxi etc.

O acento somente é admitido quando formar hiatos com a vogal anterior. Ex.: Itaú (hiato **a-u**), baú (**a-u**), Itajaí (**a-i**) etc. Período correto: “Regiane pediu sanduíche recheado de peito de **peru**, mas a atendente disse que não tinha.”

## Ataque inofensivo

“Renato retornava para a fazenda quando foi atacado por bandidos encapuzados.” Nada de mal lhe aconteceu! Não existe a palavra “encapuzado”. O adjetivo **encapuzado** é o correto, derivado do verbo **encapuzar**, cobrir-se com capuz.

## A pescaria deu errado

“Ronaldo aguardava os ventos favorável para levantar as velas e seguir ao ponto de pesca.”

Escrevendo dessa forma, não vai pescar nada! Veja como fica o plural das palavras compostas: substantivo (**ventos**) + adjetivo (**favorável**) – os dois elementos vão para o plural – **ventos favoráveis**. Período correto: “Ronaldo aguardava os **ventos favoráveis** para levantar as velas e seguir ao ponto de pesca.”

## Discussão sem fim

“Os condôminos discutiam, mas não chegavam a um consenso geral.”

Não vão chegar a um consenso nunca, escrevendo dessa maneira. **Consenso** significa concordância de ideias, de opiniões. Se há um consenso, ele já é geral, logo, “consenso geral” é uma redundância desnecessária.

Período correto: “Os condôminos discutiam, mas não chegavam a um **consenso**.”

## Reuniões de estudos

“As adolescentes se reuniam às terças-feiras afim de estudarem juntas para o Enem.”

Não estariam aprendendo nada... Preste atenção:

**Afim** – semelhante, similar, parecido etc. / **A fim de** – para, a propósito de, com a intenção de etc. Período correto: “As adolescentes se reuniam às terças-feiras **a fim de** estudarem juntas para o Enem.”

## Emoção demais

“A neta do político preso disse ao jornalista: ‘Ficamos fora de si com a prisão do nosso avô.’”

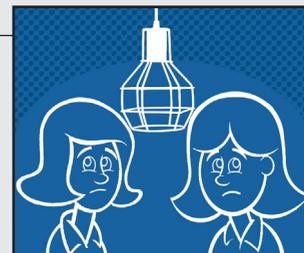
É emoção demais, até errou a concordância. Veja: o pronome deve concordar com o verbo. **Nós** ficamos fora de **nós**. Período correto: “A neta do político preso disse ao jornalista: ‘Ficamos fora de **nós** com a prisão do nosso avô.’”

## Iluminação precária

“As sobrinhas ficaram no escuro, pois a tia não as ensinou a acender o candieiro.”

Nem poderiam ter luz, já que a palavra “candieiro” não existe. O vocábulo correto é **candeeiro**.

Período correto: “As sobrinhas ficaram no escuro, pois a tia não as ensinou a acender o **candeeiro**.”



# Leia o jornal que só traz boas oportunidades: leia a Folha Dirigida

Se você está à procura de uma boa oportunidade, então não pode deixar de ler a Folha Dirigida. Você irá encontrar um noticiário completo sobre concursos, empregos, estágios, vestibulares e Educação. Peça ao jornaleiro a Folha Dirigida, o jornal que ajuda quem deseja ingressar no mercado de trabalho.

## FOLHA DIRIGIDA

www.folhadirigida.com.br

**FOLHA DIRIGIDA**  
O MAIS COMPLETO JORNAL ESPECIALIZADO EM EDUCAÇÃO, TRABALHO E CIDADANIA  
Publicação Mensal - Ano XIII | Número 2342

**Terceirização: para advogados, projeto de lei é inconstitucional**  
Projeto de Lei 4.302/16, que regulamenta a terceirização no país (incluindo o serviço público), é inconstitucional para advogados, entre os quais o provisor do trabalho Renato Saraini, que é vice-presidente da Abpqa. Página 12

**Técnico do TRF: anulação de questões é inevitável**  
Para diretores professores, várias questões da prova do TRF-RJ/ES para técnico da área administrativa devem ser anuladas. Página 8

**Área fiscal: até R\$19.669 mensais**  
Receita Federal, Ministério do Trabalho e Ministério da Agricultura programam concursos para fiscal. Nível superior. Página 4 e 6

**REMUNERAÇÕES DE R\$7.260 E R\$11.345 MENSAIS**  
**MINISTÉRIO PÚBLICO DA UNIÃO: NOVO CONCURSO. 2º E 3º GRAUS**  
**TÉCNICO E ANALISTA: DEFINIDA COMISSÃO DO CONCURSO**  
Ministério Público da União (MPU) publicou no Diário Oficial a comissão do seu novo concurso para as carreiras de técnico (nível médio ou médio-técnico; R\$7.260) e analista (nível superior; R\$11.345). Seleção deverá abranger todo o país, incluindo o Rio de Janeiro. Próximo passo agora será a definição da organizadora. Veja noticiário e programa do último concurso para técnico administrativo. Página 7

**CONCURSOS**  
**Electromedicar: vagas de médico. Até R\$10.465**  
Fundação Electromedicar recebe inscrições para 20 vagas de médicos em especialidades de cardiologia, pediatria, ginecologia, obstetrícia, ortopedia, ortodontia, otorrinolaringologia, oftalmologia, pneumologia, psiquiatria, radiologia, dermatologia, urologia, neurologia, neurocirurgia, cirurgia de transplante de órgãos, cirurgia de transplante de pele e cirurgia de transplante de vísceras. Página 2

**UFF: veja novo teste para assistente**  
Folha Dirigida publicou no Arquivo.org (Conteúdo em domínio público) o edital para o teste de seleção para o cargo de assistente administrativo. O teste será realizado em 12 de março de 2016, às 14h, no prédio da UFF, Rua Mariz de Faria, 241, sala 201. Página 2

**Caxias: concurso para 2º e 3º graus**  
Prefeitura de Caxias programa a abertura de concurso para a área de Educação Infantil e Ensino Fundamental. O edital será publicado em 12 de março de 2016, às 14h, no prédio da UFF, Rua Mariz de Faria, 241, sala 201. Página 2

**OPINIÃO**  
**Fadado ao insucesso**  
Na área de educação, há um consenso de que o Brasil não tem condições para avançar no ensino médio e superior. O governo federal, por meio do Ministério da Educação (MEC), lançou em 2014 o Plano Nacional de Educação (PNE), que prevê a ampliação do trabalho de ensino no Brasil. Página 6

**SIGA A FOLHA DIRIGIDA NAS REDES SOCIAIS**  
FolhaDirigida  
Folha\_Dirigida  
FolhaDirigida

**Marinha e Aeronáutica realizam cinco concursos, dos quais três exigem só ensino médio: fuzileiros navais (1.200 vagas), Academia da Força Aérea (66) e Escola Naval (30). Há ainda oportunidades para quem possuir o superior em diversas áreas. Para a maior parte das vagas, as inscrições já estão abertas. Veja noticiário.**

**Teresópolis: concurso para magistério**  
Subsecretaria de Educação de Teresópolis confirma concurso para o magistério. Edital poderá ser divulgado ainda este mês.

3as e 5as nas bancas

# Quincasblog, bom a partir do nome...

Por Edmilson Caminha\*

Há escritores brasileiros que, não bastasse o renome na literatura, mostram-se grandes, também, no exercício da carreira diplomática: Guimarães Rosa, Gilberto Amado, Vinicius de Moraes, José Guilherme Merquior, Antonio Houaiss, João Cabral de Melo Neto, Dário de Castro Alves, Alberto da Costa e Silva, Sérgio Paulo Rouanet, João Almino, Felipe Fortuna... A essa nobre linhagem, acrescenta-se o escritor, cineasta, ator, diretor de teatro, animador cultural e diplomata Lauro Moreira, senhor de talentos múltiplos que dele fazem um brilhante intelectual, na mais nobre acepção do termo. As muitas histórias que acumulou em vida de tamanha riqueza são narradas no livro *Quincasblog: meus encontros* (São Carlos: Art Point, 2019).

A publicação reúne textos escritos para o canal da internet que o autor mantém desde 2012, engenhosamente intitulado Quincasblog, alusão ao Machado de Assis por cuja obra encantou-se na adolescência. Propõe-se o blog a “falar de tudo um pouco”, e assim é feito: as postagens vão do teatro à literatura, do futebol à música, paixões da vida inteira, apresentadas ao leitor à medida que se contam as memórias do diplomata. Foram 45 anos de admiráveis serviços prestados ao Itamaraty, em Buenos Aires, Washington, Genebra, Barcelona, Rabat e Lisboa, além das funções que exerceu em Brasília. Teve, ao longo de todo esse tempo, o privilégio de conviver com Clarice Lispector, Manuel Bandeira (seus padrinhos de casamento, com a poetisa Marly de Oliveira), Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade e Aurélio Buarque de Holanda, a que se juntam colegas de profissão como Antonio Houaiss, Guimarães Rosa e João Cabral de Melo Neto.

Ao poeta de *Morte e Vida Severina*, então embaixador do Brasil em Tegucigalpa, perguntei o que fazia para divulgar nossa cultura no exterior. Respondeu-me que nada, pois não havia dinheiro para tanto. Diferentemente do colega de Pernambuco, Lauro Moreira obrou milagres nos países por onde passou. Em Barcelona, propôs aos dirigentes de um colégio chamado Brasil a realização de uma semana cultural brasileira e um campeonato de futebol entre os alunos, cuja taça a equipe campeã receberia de ninguém menos do que Romário, ídolo dos torcedores do Barcelona. Fosse pouco, fundou na cidade o Clube da Música Brasileira e o grupo Som Brasil (“Somos Brasil”, em catalão), semente do Solo Brasil, que já se apresentou em vinte países de quatro continentes. Façanhas que me lembram a piada em que o recruta explica ao sargento a sujeira do quartel: “é porque está faltando vassoura...” E a resposta: “se vire, soldado, varrer com vassoura é fácil!” Pois é, Lauro Moreira varre sem vassoura...

Com a discrição e a elegância que mantém na aposentadoria, o diplomata pode revelar, hoje, os contratemplos que marcaram a diplomacia da turma a que pertenceu no Instituto Rio Branco – em 1964, ano do golpe militar. Primeiramente, a escolha do paraninfo, Alceu Amoroso Lima, intelectual famoso que se distinguia na oposição aos novos ocupantes do poder. Pressionados, tiveram os formandos de eleger figura menos indigesta para o governo, o também ilustre embaixador Otávio Dias Carneiro, com o que o orador da turma, Lauro Moreira, apresenta ao diretor do Instituto Rio Branco o discurso que preparara. Ao velho diplomata, o texto parecia “muito profundo, e, portanto, não apropriado para uma cerimônia de amenidades, como deve ser uma formatura”. E sugeriu: “se o senhor quiser, poderá até apresentá-lo como uma conferência aos alunos do Rio Branco...” Preocupava-o que, no dia seguinte ao da formatura, o *Correio da Manhã*, jornal importante e opositor ferrenho dos generais, extraísse uma frase do contexto e estampasse algo como “Jovem diplomata dá aula ao Presidente da República, mostrando que democracia social é o caminho para o Brasil”.

Meses depois, o chefe do Serviço de Demarcação de Fronteiras, embaixador Guimarães Rosa, chama o orador da turma ao gabinete e

pede que lhe permita ler o discurso. Por sabê-lo politicamente “um tanto conservador”, Lauro só respira aliviado quando ouve: “Li o seu discurso. É ma-ra-vi-lho-so! Ninguém de boa-fé pode ser contra ele.” Consolidava-se, assim, uma amizade que nascera quando, ator que prometia, coubera ao futuro diplomata fazer Lalino na peça *A Volta do Marido Pródigo*, adaptação do conto de Guimarães Rosa. Depois de assistir a um ensaio, declarou-lhe o gênio do *Grande Sertão*: “Achei ótimo! E quer saber de uma coisa? O seu Lalino está melhor do que o meu!”

A conclusão da história é que a turma de 1964 nunca se formou, e, lembra o memorialista, “por longos anos não mais houve no Itamaraty a realização de cerimônia naqueles moldes tradicionais, com intervenção de paraninfo e orador de turma, resumindo-se o evento apenas a um almoço com a presença do Presidente da República e um discurso sobre política externa pronunciado pelo Chanceler”.

Em 1969, teria Lauro Moreira outra má experiência com a Ditadura: cônsul adjunto do Brasil em Buenos Aires, participou de um curso promovido por instituição ligada ao Banco Interamericano de Desenvolvimento, ao fim do qual propôs a colegas estrangeiros que visitassem nosso país. Em Porto Alegre, militares procederam à revista da bagagem de mão de todo o grupo, quando um professor colombiano teve apreendida edição em espanhol de um livro de Celso Furtado, sob o argumento de que era obra “definitivamente subversiva”... Em São Paulo, foram conduzidos à sala em que um coronel cobrou com insolência, do diplomata brasileiro, que cumprisse seu “dever patriótico” e colaborasse na “investigação do caso”. Pediu-lhe um capitão que apresentasse ao superior a lista com o nome dos convidados e o programa de visitas a ser feito no Brasil:

“Voltei-me então para a poltrona onde se encontrava minha pasta, a fim de apanhar os referidos documentos, quando fui surpreendido pelo coronel, que, avançando resolutamente em minha direção, berrou-me – não há outro termo –, num tom de voz que se podia ouvir a alguns metros daquela sala, que era bom que eu soubesse que, quando ele estava falando com alguém, não admitia que essa pessoa se voltasse de costas para ele!”

Se assim se tratava um cônsul brasileiro, imagine quem não dispusesse de um passaporte diplomático... São lembranças que ajudam a conhecer a história recente do Brasil, narradas não com o sentimento da vingança, mas com a tranquila consciência de quem deu o melhor de si ao nos representar no exterior. Consciência que não lhe nega a lúcida compreensão de quem somos, como indivíduos e como sociedade:

“(...) Reparem como nós brasileiros, enquanto povo, temos várias das características típicas de um jovem adolescente: somos quase sempre inquietos, impulsivos, impacientes, insubordinados, resistentes a qualquer forma de imposição, embora receptivos a um bom processo de persuasão (...) Achamos que o mundo nasceu conosco, que não temos passado, e por isso vivemos avidamente o presente, e o vivemos apenas como uma fase transitória para um futuro que, temos certeza, será necessariamente brilhante, embora pouco ou nada façamos para que isso aconteça... Alternamos com grande facilidade estados de euforia e de depressão, ora estimulados por uma vitória no futebol, ora desanimados por uma piora na situação econômica do país.”

Como Lauro Moreira, são poucos, entre nós, os que unem a grandeza intelectual à competência administrativa, o poder das ideias à obstinação com que as transforma em realidade. Hoje, divide-se o animador cultural entre Ribeirão Preto e Lisboa, onde preside o conselho diretivo do Observatório da Língua Portuguesa. Homem para quem a aposentadoria é o oposto da inatividade, dedica-se, agora, a fazer um papel no filme *Volta à Casa Paterna*, de Alberto Araújo, e a interpretar Rubem Braga em *O voo da Borboleta Amarela*, do diretor Jorge Oliveira, que logo estarão nos cinemas. Ao mesmo tempo, escreve, produz, agita, no permanente trabalho de fazer da cultura não um privilégio de poucos, mas um direito de todos. Já sem os deveres funcionais e as injunções políticas da carreira diplomática, segue a ver na literatura, no teatro, no esporte, na música fatores de desenvolvimento humano, de justiça social e de elevação do espírito. É a lição de idealismo, de nobreza e de solidariedade fraterna que Lauro Moreira nos dá em seu machadiano Quincasblog, bom a partir do nome...

\*Edmilson Caminha é membro da Academia de Letras do Brasil e da Associação Nacional de Escritores.

# J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

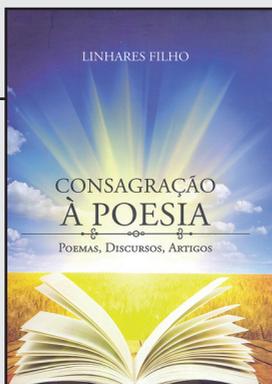


## PARA NUNCA SE SENTIR SÓ

*Para Nunca Se Sentir Só* (Ed. Gryphus, 2020) é a primeira obra da jovem poeta Gabriela Zimmer, que já nasce com a potência de deixar o leitor encantado com a sensibilidade dos versos. O talento explícito em 32 poemas, reunidos ao longo de 87 páginas, é ressaltado pelo primor das ilustrações em quatro cores feitas por Hannah Ribeiro. O ato de escrever está presente em vários trechos, em que a jovem declara seu amor pela poesia: “As palavras me consomem quando não escritas e perfuram meu corpo à procura de saída.” O encantamento pela obra de Zimmer se potencializa com a revelação da idade e da trajetória da autora: 15 anos, vencedora de dois concursos (um de redação, em 2019, promovido pelo Sinepe Rio, e um nacional de poesia, organizado pela Editora Vivara). Além de participação em duas coletâneas literárias, é também compositora. Sua canção *É Carnaval*, em coautoria com Matheus Von Krüger e Wagner Cinelli, é uma das faixas do CD *Urca Bossa Jazz* no Carnaval, lançado em 2019. É coautora da canção *Fique em Casa*, tendo também participado do respectivo clipe musical, lançado este ano, juntamente com outros cantores. *Para Nunca Se Sentir Só* tem o prefácio assinado pelo jornalista Joaquim Ferreira dos Santos, que destaca o talento da jovem escritora: “Gabriela Zimmer não está interessada em responder qualquer pergunta, certa de que o trabalho que tem pela frente não é esse, mas justo o seu avesso. Inventar dúvidas. Desassossegar os espíritos.” E arremata: “Longe de ser dramática, tem como ponto final a revelação de que a solidão é uma alucinação.”

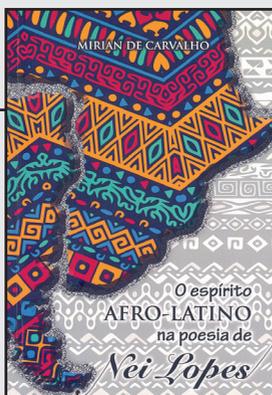
## CONSAGRAÇÃO À POESIA

A obra *Consagração à Poesia – poemas, discursos, artigos* (Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2017), do poeta Linhares Filho, inicia com uma “explicação” do autor: “Desde os tempos mais remotos, quando me senti poeta, precocemente respirando Poesia, a ela me consagrei do ponto de vista estético.” Dividido em quatro partes, acrescido de um capítulo com a fortuna crítica e outro sobre o autor, o livro oferece, numa caprichada edição de 166 páginas, os mais recentes poemas, inéditos em livro, além dos discursos de agradecimento e de saudação do crítico e poeta Sânzio de Azevedo, na ocasião da consagração de Linhares Filho com o título de Príncipe dos Poetas Cearenses, conferido por unanimidade na Academia Cearense de Letras, em 2016. Em mais de quatro décadas de produção literária, o cearense Linhares Filho soube reinventar sua poesia, transitando entre estilos e mantendo a qualidade literária ao longo do percurso. Professor Emérito da Universidade Federal do Ceará (UFC), José Linhares Filho graduou-se em Letras pela UFC, em 1968. Obteve os títulos de mestre e doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi professor da UFC, de 1969 a 2009, quando se aposentou como Professor Titular de Literatura Portuguesa. Entre as diversas funções assumidas ao longo desse período, foi coordenador da Casa de Cultura Portuguesa e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC. Em 1980, tornou-se membro efetivo da Academia Cearense de Letras e da Associação Internacional de Lusitanistas.



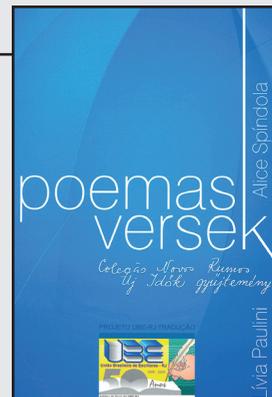
## A POESIA DE NEI LOPES

Em *O Espírito Afro-Latino na Poesia de Nei Lopes* (Ed. Scortecchi, 2017), a autora Miriam de Carvalho analisa a poética de Nei Lopes, tendo como eixo ideativo o culto à memória dos ancestrais africanos e a relevância da resistência cultural na África e na América Latina ante os padrões ocidentais. Miriam de Carvalho explica, na introdução, que, segundo a tradição ancestral, o sagrado tangencia todas as atividades do cotidiano, não faltando acontecimentos relativos à casa, à rua e à cidade: “A cada verso do poeta, o canto sonoriza-se e transita pelas terras da África e da América Latina, com muitas passagens pelo Rio de Janeiro.” Sendo Nei Lopes também compositor e intérprete, a autora destaca as sonoridades da palavra ritmada, preservando a memória e a presença do espírito negro-africano. Miriam de Carvalho é doutora em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte, da Associação Internacional de Críticos de Arte, da União Brasileira de Escritores (UBE)/RJ e SP e do PEN Club. Atualmente, dedica-se à poesia, à crônica e à pesquisa no campo da cultura brasileira e foi agraciada com vários prêmios literários, entre eles o João do Rio (1º lugar/poesia) e a Medalha José de Anchieta, que lhe foram conferidos pela Academia Carioca de Letras em 2016. Miriam recebeu também vários prêmios na área da ensaística, entre eles o Sérgio Milliet, concedido pela Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), referente a livro de pesquisa publicado em 2016. Além de assinar dez livros de poesia e sete de ensaio, é autora de cerca de 150 textos que se diversificam em artigos, prefácios, posfácios e releases, publicados em mídias especializadas. A autora assina o Blog da Miriam, no Digestivo Cultural.



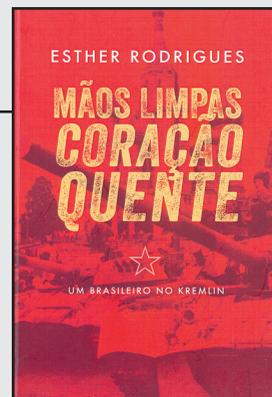
## POEMAS BILÍNGUES

*Poemas/versek* (Ed. Kelps, 2011), da coleção *Novos Rumos*, apresenta a poesia de Alice Spíndola numa coletânea bilíngue, em português e húngaro, na versão de Lívia Paulini, que afirma: “Ao traduzir os poemas para o húngaro, reforça-se a ideia em divulgar uma poetisa brasileira comprovadamente autêntica no sentido de dar ênfase aos problemas do dia a dia na sua expressão de arte na cultura.” A leitura passa por temas variados, do mar aos rios, sofrendo pelas agressões do homem, terras e almas nos seus caminhos tortuosos, desfrutando da potencialidade de seus conhecimentos sobre o espírito e a natureza, do meio ambiente aos problemas essenciais à sobrevivência terrena, incorporados dentro dos símbolos. Segundo Lívia Paulini, Alice Spíndola, “enraizada na filosofia clássica, profetiza os sons futuros na literatura”. Alice Spíndola, escritora nascida em Nova Ponte, Minas Gerais, onde é cidadã benemérita, vive em Goiânia. Licenciada em Letras Anglo-Germânicas pela Universidade Católica de Goiás, poeta notável pelas suas premiações nacionais e internacionais, em 2014, representou o Brasil no XVII Encontro de Escritores Ibero-americanos, em Salamanca, Espanha. Lívia Paulini é húngara de nascimento. Escritora, poeta, tradutora e pintora, possui mais de vinte e seis publicações entre romances, poesias, ensaios e traduções. Vive em Belo Horizonte, onde é membro fundadora de entidades culturais e filosóficas.



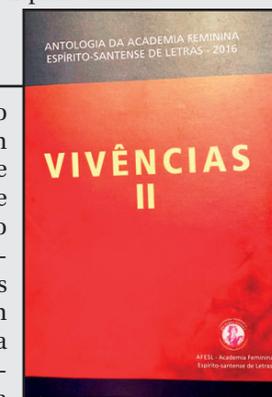
## MÃOS LIMPAS, CORAÇÃO QUENTE

*Mãos Limpas, Coração Quente* (Ímã Editorial, 2018), de Esther Rodrigues, traz lembranças de um brasileiro que viveu na União Soviética, nos anos em que nascia a ditadura militar em nosso país. Maria Esther Paes Barreto Rodrigues é formada em biblioteconomia e dedicou boa parte de sua vida à família, que inclui três filhos e quatro netos e ao trabalho voluntário em hospitais e asilos. Recentemente, decidiu que transformaria o prazer de escrever para amigos em algo concreto. Em seu primeiro livro, inspirou-se na vida do marido, Obertal Mantovanelli, realizando uma pesquisa sobre a União Soviética e trazendo dados históricos com informação, cultura e diversão. Vinda de uma família de jornalistas renomados, a começar pelo seu avô – o pioneiro Mário Rodrigues, dono dos jornais *A Manhã* e *Crítica*, empastelado na Revolução de 1930, seu pai Augusto Rodrigues, criador e diretor da *Manchete Esportiva* e que foi também secretário de redação do jornal *O Globo* e seus tios Mário Filho, dono do *Jornal dos Sports* e Nelson Rodrigues, nosso dramaturgo maior. Com um texto leve, fluente e muito bem alinhavado, a autora exibe uma visão privilegiada da guerra entre duas forças – os soviéticos comunistas e os americanos capitalistas – que se demonizavam, mutuamente. Questões de vital importância, com uma visão diferenciada, são desenvolvidas com muita sensibilidade. No prefácio, Nelson Rodrigues Filho afirma: “Um documento importante de vida de um indivíduo que pôde comparar realidades, algo semelhante, entre um Brasil dos anos de chumbo e um momento ultrarrepressivo do ‘Socialismo num só Estado’. É muito rico o depoimento de Obertal. É excelente este livro, escrito com a força de uma vibrante mulher que conseguiu, com rara maestria, nos relatar parte importante da vida de seu companheiro e nos passar instantes raros de emoção. Esther consegue, com seu belo estilo, harmonizar, com talento, tema tão complexo num mundo mais complexo ainda.”



## VIVÊNCIAS II

A palavra “antologia” nos remete aos gregos em seu significado (“coleção de flores”) para denominar um conjunto de textos em poesia e prosa. A obra *Vivências II* (AFESL, 2016) reúne textos de 29 representantes da Academia Feminina Espírito-santense de Letras, compiladas numa antologia que se reveste com o colorido subjetivo de modos distintos de ver a vida. Ao longo de 196 páginas, o resultado apresentado é comparável a um coral de vozes delicadas, com toques de graça e requinte, que se apresentam em harmonia coletiva. Na orelha da publicação, a escritora Marilena Soneghet destaca essa polifonia, que realça as qualidades individuais, e defende o sopro vital de reflexões que se refletem numa consciência literária especificamente feminina: “Vivências é o resultado da livre escolha, com autenticidade e autonomia. De idades variadas, diferentes profissões ou apenas dedicadas à família. Algumas melancólicas, outras cheias de projetos, curiosas ou evocativas, saudosistas ou arrojadas, simples ou eruditas – o importante é que ousam mostrar-se, participam, falam do seu estar no mundo, indiferentes a rótulos ou ao ranço do preconceito.” Na apresentação, a acadêmica Ailse Cypreste Romanelli destaca a importância das Academias de Letras: “Além de rimar e sonhar, trocamos vivências e partilhamos nossos sonhos e nossa alma. Fazer literatura é um exercício de sensibilidade. Não importa saber se um texto cumpriu ou não uma finalidade; o que importa saber é o quanto aqueceu o coração, enriqueceu a mente ou iluminou um instante da vida. Ninguém é cobrado a ter ideias geniais ou corretas, apenas que deixe fluir a criatividade, em prosa ou em versos, com rima ou sem rima, ou simplesmente com a presença e a participação.”



# Um século e meio une música e literatura

Por Ester Abreu Vieira de Oliveira\*

A ópera *Il Guarany* de Antônio Carlos Gomes completou 150 anos, no dia 19 de março, de sua estreia em Milão, e completará, ainda, 150 anos no dia 02 de dezembro sua apresentação no Rio de Janeiro.

Carlos Gomes, nascido em Campinas, ganhou uma bolsa de estudos de D. Pedro II para estudar na Itália. Começou a composição da ópera *Il Guarany* entre 1867 e 1868, dez anos depois da primeira edição do romance *O Guarani*, de José de Alencar, em 1857. E, na história desse romance, apoia-se para compor o primeiro sucesso de uma obra musical brasileira no exterior, em quatro atos, *Il Guarany*, com a letra, o libreto, em italiano, por Antônio Scavini.

A estreia da ópera ocorreu no dia 19 de março de 1870, no Scala de Milão. Contudo, no Brasil, foi apresentada no Teatro Lyrico Fluminense, no Rio de Janeiro, numa comemoração do aniversário de D. Pedro II, no dia 02 de dezembro de 1870; e a profonia, a abertura sinfônica da ópera, foi composta dois anos depois da estreia. Essa é a parte mais tocada dessa ópera, porque é muito apresentada por bandas musicais e foi a vinheta de abertura do jornal radiofônico *A Hora do Brasil*.

O romance *O Guarani*, originalmente *O Guarany: Romance Brasileiro*, da fase romântica do cearense José de Alencar, foi elogiado pelo escritor máximo da Literatura Brasileira, Machado de Assis, como “a expressão mais íntima de nacionalidade”. Foi desenvolvido a princípio em folhetim, tem quatro capítulos e cada um traz subcapítulos titulados. O capítulo primeiro aparece no *Diário do Rio de Janeiro* no dia primeiro de janeiro de 1857. É um romance histórico, relata a miscigenação entre uma jovem adolescente loura de olhos azuis, Cecília (que passará a ser chamada Ceci), de estirpe nobre portuguesa, e um índio da raça dos Goitacás, filho de Ararê, o chefe da tribo.

Depois de um prólogo, com um recurso cervantino de recontar uma história proveniente de um velho manuscrito casualmente encontrado e quase estragado, passa para uma comunicação ao *Leitor*, sobre a primeira publicação do livro, 1857, uma prova tipográfica, para ser revista pelo autor. Pede desculpas ao leitor, pois, relendo a obra, “achou ele tão mau e incorreto”.

Da Primeira Parte, destacamos os capítulos *Os Aventureiros* e *I Cenário*, quando o leitor toma conhecimento do local onde acontecerá a história, (entre o Rio de Janeiro e o Espírito Santo) às margens do rio Paqueta, numa casa “larga e espaçosa, protegida de todos os lados por uma muralha de rocha cortada a pique”. Sua construção obedecia à segurança e defesa da família. No capítulo II, *Lealdade*, o leitor toma conhecimento dos proprietários dessa moradia: D. Antônio de Mariz, fidalgo português e um dos fundadores da cidade do Rio de Janeiro, auxiliou Mem de Sá na consolidação do domínio de Portugal; sua família, composta de quatro pessoas: sua mulher, D. Lauriana, dama paulista, seu filho, D. Diogo de Mariz, sua filha, D. Cecília (Ceci), e a bela morena, D. Isabel, sua sobrinha. Havia, ainda na casa, os serviçais, o jovem nobre D. Álvaro, Aires Gomes, o fiel escudeiro, e os aventureiros, entre estes se destaca o perverso Loredano, antigo frade.

Ceci era querida pelo pai, desejada por Loredano, amada por Álvaro e adorada por Peri.

As partes mais significativas dessa obra para a ópera são: O IV capítulo, *Caçada*, da Primeira Parte, onde aparecerá o índio Peri, caçando uma onça viva, para levar para a sua senhora Ceci. Ele é descrito vestindo uma túnica de algodão, apertada à cintura por uma faixa de penas escarlates. Seu talhe era delgado e esbelto. “Cabelos pretos cortados rentes, a tez lisa, os olhos grandes, dentes alvos.” Nessa primeira parte, D. Álvaro, em uma de suas caçadas, mata, sem querer, uma índia, da tribo dos violentos Aimorés.

Na Segunda Parte, o narrador diz a época em que a história iniciou: março de 1603. Narra a ocasião em que Peri apareceu entre eles e o carinho de D. Antonio e Ceci, por ele. Destaca o amor de Isabel e o amor de Álvaro para com Ceci que passará para Isabel. No capítulo XII apresenta-se uma trama entre os aventureiros, encabeçada por Loredano contra a família, e o desejo de Loredano possuir Ceci e o canto de Ceci sobre o amor de um rei medieval no capítulo IV *A Xácara*.

Na Terceira Parte, *Os Aimorés*, no capítulo III, *Verme e Flor*, Loredano entra no quarto de Ceci para raptá-la, Combate, além do XIV, *O prisioneiro*, Peri faz um ato heroico indo lutar com os Aimorés por amor a Ceci. Na

Quarta Parte, ocorre a cristianização de Peri e a salvação dele e de Ceci, a catástrofe, a destruição do casarão por Don Alfonso e morte de toda a sua família, dos aventureiros e dos Aimorés.

A intertextualidade entre a ópera e o romance não desmerece o seu valor. Além disso, as obras de artes estão sempre em sintonia. A apropriação, ou a influência ou a relação entre dois textos, representa papel significativo na constituição estrutural da obra e da sociedade que as engendrou.

Buscamos interfaces entre música e literatura para ressaltar a problemática da construção de um imaginário da nacionalidade brasileira, emblemática na sociedade do século XIX, que deu motivo a uma tentativa de mostrar ao mundo europeu uma visão da história do Brasil, sem eliminar os protótipos da arte europeia. Também sabemos que a literatura, como todas as artes, como fenômeno de civilização, se constrói com os anseios explícitos ou implícitos de uma sociedade. Por isso, cumpre observar que entre *O Guarani* e *Il Guarany*, obras de diferentes áreas do saber, o tratamento das duas diferentes obras e das duas diversas áreas do saber não se corrobora uma hipótese de fontes e influências, mas um diálogo entre dois campos de saberes, isto é, um ato criativo.

O diálogo entre signos transforma um romance em uma ópera, demonstra a habilidade e inteligência de um homem de seu tempo, Antônio Carlos Gomes, de gosto artístico – músico, professor de piano e canto, compositor de modinhas e ópera – que procurou aperfeiçoar-se nesse campo do saber (estudou no Conservatório do Rio de Janeiro e no Conservatório de Milão). E mais, tinha sido aluno de um grande compositor, Lauro Rossi, e recebeu elogios de todos os professores. Viveu na Itália, na época de apogeu da ópera italiana, com Rossini, Bellini e Verdi, e de gosto artístico da elite brasileira, como comprovam os romances de Machado de Assis e os jornais da época. Inteligente, aproveitou um tema histórico e de miscigenação de uma obra que era *best-seller*; a curiosidade do europeu por um imaginário exótico; o apogeu da música de influência italiana; o gosto artístico da elite intelectual brasileira, para mostrar a cultura nacional, ao mesmo tempo em que agradava ao Imperador que gostava de música e era o seu mecenas na Itália. Mas não podia deixar de agradar também ao público europeu. Por isso, em sua ópera, há modificações estruturais da obra mestre e o libreto é em italiano.

Na estreia da ópera, o exotismo será mostrado nos adereços, como penas e cocares, nos instrumentos de percussão, nos ritos e nas danças de guerra das tribos indígenas, e nos cenários: uma floresta exuberante, com palmeiras e um castelo como uma fortaleza oriental, tendo na entrada um arco como uma arquitetura muçulmana. O quarto de Ceci se assemelha a um rico palácio nobre do século XVI. A aldeia dos aimorés é representada por uma tenda rendada com arabescos. As túnicas dos índios (brancos) eram azuis e brancas. Peri não é moreno, típico índio dos Goitacases, nem tem os pés descalços, usa sandálias, assume o lugar do homem branco, fala italiano, é modelo do povo italiano.

A ópera segue a tradição romântica e as correntes musicais italianas, mas não deixa de seguir as melodias brasileiras. É recortada em unidades dramáticas. As cenas são grandiosas, com multidões apresentando manifestações cívicas ou revoltas, há uma oração das seis horas da tarde, conforme o livro; há coro e solista, cenas com os personagens principais expressando diferentes emoções. A história de Isabela e o seu amor por Álvaro e a morte desses, conforme o livro, não aparece, também, a heroína não é loura, mas tem os cabelos pretos. Além dos motivos exóticos há a clássica presença do balé. Porém, as duas artes, a literária e a musical, buscaram apresentar um panorama com uma estética direcionada para o exotismo e a grandiosidade local, procurando apresentar a força da natureza e um par amoroso para representar a formação da nação de maneira idealizada, e integrada em diferenças culturais.

Por fim, a ópera, fusão de um romance, pode ser assistida nas várias interpretações atuais, em youtube, que procuram simplificar cenas, como os bailados, para diminuir o tempo. Assim há apresentações sem muitos bailados como na estreia, cito a encenação, em BH, do Projeto Harmonia, em 2019. Na abertura, ouve-se um coro dos Caçadores, mas um pouco sombreado. É um cenário original que faz lembrar o filme “Don Juan de Marco”, que, na abertura, tinha a imagem de um livro da obra *Don Juan Tenório*, de Tirso de Molina, a primeira obra sobre este mito. Na apresentação em BH, não repetiram os cenários grandiosos com fundo de floresta, não há bailados, mas o palco/cenário é um livro. Ali ou perto dele, acontecem as cenas. Dentro dele, há o quarto de Ceci e será onde ocorrerá, na cena final, o arremesso da espada do Dom Antonio Mariz, incendiando a casa. E Peri e Ceci saem juntos. O livro representa um exemplar de *O Guarani* da obra completa de José de Alencar. Aí temos a perfeita ideia da intertextualidade entre uma obra musical com uma literária.

\*Ester Abreu Vieira de Oliveira é professora Emérita da Ufes, presidente da AEL, membro do IHGES, AFESL e da APEES.

# O legado romanescos de Elvira Vigna

Por Rogério Faria Tavares\*

Tema de minha tese de doutorado, defendida recentemente no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC Minas, sob orientação da professora Márcia Marques de Moraes, o legado romanescos de Elvira Vigna compreende dez livros, lançados entre 1987 e 2016. A obra literária da autora, no entanto, é mais ampla. Sua vasta produção para crianças inclui títulos como *Lã de Umbigo*, *Problemas com o Cachorro?* e *Uma História pelo Meio*. A novela gráfica *Vitória Valentina*, dirigida ao público jovem, tem temática e linguagem arrojadas. Publicada postumamente pela Editora Todavia, a coleção de contos Kafkianas foi a vencedora do Prêmio da Biblioteca Nacional, em 2019. Circulando com desenvoltura por diferentes campos da manifestação cultural, Vigna também foi ilustradora, artista plástica e jornalista, havendo trabalhado para os mais importantes veículos de comunicação do país, como *Folha de S. Paulo*, *O Estado de São Paulo* e o saudoso *Jornal do Brasil*.

Seu primeiro romance, *Sete Anos e Um Dia*, foi escrito em 1984 e editado após três anos, pela José Olympio. O enredo se passa entre 1978 e 1985 e trata do fim da ditadura militar e da redemocratização. Sintonizado com o momento de liberalização social, vocaliza na personagem Catarina a agenda feminista do começo dos anos 1980 e não tem medo de abordar assuntos polêmicos, como a tortura, o aborto e a homossexualidade.

O assassinato de *Bebê Martê* veio em 1997, já pela Companhia das Letras, casa que publicaria todos os outros livros de Vigna. A história apresenta aos leitores Lúcia, suspeita de haver assassinado o próprio pai, na festa de seu aniversário de oitenta anos. Em *Às Seis em Ponto*, de 1998, é Maria Teresa a personagem a quem se atribui a morte do genitor, por ela tido como alguém abusivo e desrespeitoso. O desejo de vingança por abusos sexuais sofridos na juventude é, também, o que move *A um Passo*,

de 2004, trama impulsionada pelos movimentos da personagem Nina, que sai de sua cidade disposta a eliminar Gringo, seu antigo professor de Matemática.

Em *Coisas que os Homens Não Entendem*, de 2002, título inspirado em verso de Camões, em *Os Lusíadas*, Nita é uma fotógrafa que vaga pelo mundo sem lar e sem destino, após assassinar “acidentalmente” seu amigo Aureliano. *Deixe Ele Lá e Vim*, publicado quatro anos depois, é um dos mais estudados livros de Elvira Vigna, sobretudo no que se refere à questão da identidade de suas personagens. A narradora, Shirley Marlone, é, provavelmente, uma mulher trans, embora, em nenhum momento, essa condição fique totalmente clara.

*Nada a Dizer*, de 2010, ganhou o Prêmio da Academia Brasileira de Letras de melhor romance do ano, e conta a história de um adultério sob o ponto de vista da mulher traída. Em 2012, foi a vez de *O que Deu para Fazer em Matéria de História de Amor*, que problematiza, mais uma vez, a figura do narrador, algo que Elvira Vigna pautava sempre e que voltou a fazer dois anos depois, em *Por Escrito*, seu livro mais extenso, com cerca de trezentas páginas, ao longo das quais personagens como Valdez, Pedro, Molly e Aleksandra vão percorrendo suas complexas trajetórias num mundo que nem sempre faz sentido. O último romance da autora, *Como se Estivéssemos em Palimpsesto de Putas*, foi lançado em 2016 e, de novo, discutiu a relação entre mulheres e homens, ponto frequentemente focalizado em sua obra. A narradora, cujo nome não é mencionado, passa as tardes ouvindo os casos de João – um homem casado – com garotas de programa, para compor, a partir dos relatos dele, o seu próprio, acrescentado de omissões, inferências e modificações.

Para quem gosta de desafiar a própria inteligência, vale a pena conhecer o universo criado pela escritora carioca, falecida precocemente em 2017, meses antes de completar setenta anos. O que ela propõe não é uma leitura fácil, de consumo rápido e diversão garantida. Embora refinadamente bem-humorado, seu texto não está preocupado em agradar ou em satisfazer os grandes públicos, pelo contrário. Absolutamente refratária à lógica do mercado, que acredita em fórmulas para o sucesso, Elvira Vigna optou por seguir a trilha mais difícil: suas histórias se apresentam, muitas vezes, marcadas pela intenção de intrigar e de instalar o estranhamento, o desconforto e o incômodo. O impacto que causam, no entanto, é duradouro, e acaba enredando os leitores em sua sofisticada teia de narrativas.

\*Rogério Faria Tavares é jornalista, presidente da Academia Mineira de Letras.

# Criaturas do mar

Por Raquel Naveira\*

Há em mim uma veia lusitana que faz com que me sinta uma criatura vinda do mar. Talvez porque tudo sai do mar e a ele retorna. Talvez porque o mar esteja entre mim e Deus neste século. Talvez porque atravesso o mar da vida em um navio frágil.

Sou fascinada pelas viagens de descoberta de Vasco da Gama, Cristóvão Colombo, Fernão de Magalhães. Os primeiros exploradores que enfrentaram os terrores do oceano ensanguentado, as tempestades, o fogo dos raios e trovões, as fúrias do vento, as ondas agitadas. A ânsia de encontrar novas terras, riquezas, oportunidades; novos problemas e maneiras de pensar. O navegador não sabia para onde ia, nem tinha esperança de voltar. O importante era desafiar o desconhecido, com iniciativa e coragem. Densos nevoeiros infecciosos escondiam recifes e ilhas. Shakespeare comparou as brumas a uma “suja e contagiosa escuridão no ar”.

Monstros marinhos eram para os exploradores uma realidade. Estavam nos desenhos dos mapas; nos bestiários medievais, um tipo de literatura comum entre os monges, que descrevia as bestas fantásticas do mundo animal, que povoavam a imaginação dos marinheiros. Esses monstros de grandes bocas, dragões com dentes e caudas, rondavam ao largo e se alimentavam dos mastros do navio, esmigalhavam a galera, os canhões, os barris de vinho, os botes a remo. Formavam-se depois redemoinhos. Baleias e tripulantes afogavam-se aos gritos.

A poetisa argentina, Alfonsina Storni (1892-1938), emigrou com a família da Suíça para Santa Fé, onde modestamente trabalhou como costureira, operária, atriz e professora. Quando soube que era portadora de um câncer de mama, suicidou-se, lançando-se ao mar de um penhasco. Tinha 46 anos. A tragédia foi registrada na canção *Alfonsina Y El Mar*, gravada na voz tonitruante de Mercedes Sosa (1935-2009). Alfonsina, com sua solidão, foi buscar poemas novos nas espumas de sal. Angústias e dores a calaram. Ela se recostou numa rocha forrada de conchas. Cinco sereias a levaram por caminhos de algas e de corais. Cavalos-marinhos fizeram uma ronda a seu lado com outros habitantes da água, como enguias, lagostas, golfinhos, esses delfins que conhecem uma linguagem cifrada de códigos ancestrais. Alfonsina vestiu-se de mar...

Também eu mergulhei em águas abissais profundas do oceano do meu inconsciente. Aprendi a sobreviver em condições difíceis, extremas, com pouco oxigênio, muita pressão, nua e com frio. Meu corpo se tornou elástico. Meu esqueleto ficou leve, quebrado e minha carne gelatinosa. Coloquei uma haste de luz na ponta da minha cabeça como um espinho. Meus olhos se tornaram enormes como lâmpadas. Na treva verde, vejo esponjas, peixes de vidro, ogros com longos caninos, plânctons, caranguejos gigantes, pentes de águas-vivas, filamentos de seres clonados e chumbados em colônias luminescentes.

Requer esforço voltar à tona, à superfície do planeta. Sair dessa viagem, dessa vertigem. Começo devagar a seguir os bandos de pássaros-contramestres no céu. Observo boiarem cascas de palmeiras, galhos de árvore. Saio aos poucos daquele pântano inavegável e cheio de monstros. Já não estou à mercê dos elementos e dos perigos do mar, como o apóstolo Paulo, que sofreu naufrágios durante dias e noites no abismo. Os perigos foram afastados por um clarão de eletricidade que me salvou. Posso discernir entre instinto e intelecto. Nado no nada. Contra a corrente. Sou criatura do mar.

\*Raquel Naveira é da Academia Sul-matogrossense de Letras.

# Memórias da Quarentena

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

A literatura costuma tomar mais tempo do que outras artes para refletir sobre o tempo. Com o isolamento forçado durante a pandemia do novo coronavírus que assolou o país, vários trabalhos literários de fôlego foram tomando forma.

Lançando luzes sobre as suas próprias memórias, sem se esquivar dos momentos de sombra, o acadêmico Arnaldo Niskier registrou em texto várias lembranças de sua trajetória, incluindo a experiência de muitos anos de magistério, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, onde ele se tornou doutor em Educação e professor titular de História e Filosofia da Educação, depois de ter passado pelas áreas de Matemática e Administração Escolar e Educação Comparada. Trata-se de uma vivência nada desprezível, de quase 40 anos, numa instituição que segue sendo uma das principais do país.

Durante 26 anos, o acadêmico participou do Conselho Universitário da UERJ. Inicialmente, como presidente eleito do Diretório Central dos Estudantes (DCE). Depois, como presidente da Associação dos Diplomados da UERJ, para a qual foi eleito e reeleito algumas vezes. Foi vice-chanceler da universidade, durante os quatro anos em que atuava também como secretário de Estado da Educação e Cultura. Nessa ocasião, ajudou a instituição, não apenas com conselhos experientes, mas também intercedendo junto aos governadores para que liberassem verbas suplementares, indispensáveis ao seu efetivo funcionamento.

Primeiro professor de Desenho Geométrico do afamado Colégio de Aplicação da UERJ, valendo-se do tempo aberto pelo necessário isolamento social, Niskier escreveu 85 textos sobre algumas lembranças desse rico passado, incluindo poemas para a família e registros sobre Filosofia e Educação.

Consciente de sua busca estética a favor da fusão entre forma e conteúdo, leitor voraz desde a juventude, optou pela imersão na arte, em suas mais diversas formas. Revisitou os textos de seus filósofos preferidos, em sua farta biblioteca particular e leu inúmeros livros. Dentre eles, destaca a robusta obra *Guerra e Paz*, de Leon Tolstói (1828-1910). Com centenas de personagens e mais de 1.500 páginas na versão original, é considerado um dos maiores romances da história. O enredo deste clássico da literatura é incrivelmente atual, narrando a tentativa incessante de se encontrar um rumo, num mundo virado do avesso devido à guerra, mudanças políticas e caos espiritual. A angústia existencial dos personagens de Tolstói levou o professor Niskier a revisitar suas memórias. A mensagem principal da obra ressalta que, independentemente dos momentos difíceis, as crises nos fazem desabrochar e nos conduzem a inesgotáveis fontes de força e criatividade.

Para além de sobreviver à atual crise mundial do novo coronavírus, importa-nos partir em busca de superação. E inovação faz parte do DNA criativo do primeiro Secretário de Ciência e Tecnologia do Brasil. O professor Niskier exerceu o cargo no governo Negrão de Lima, de 1968 a 1971, quando idealizou o Planetário do Rio de Janeiro, na Gávea, com um dos mais modernos projetores do mundo – maior legado de sua gestão.

Em paralelo aos livros que leu e releu ao longo dos meses em que foi obrigado a deixar de comparecer, presencialmente, ao Instituto Antares de Cultura e à Editora Consultor (onde é o diretor-presidente), e longe das reuniões semanais da Academia Brasileira de Letras (onde é o segundo decano), da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (onde é Conselheiro) e do CIEE-Rio (onde é presidente), acompanhou, sempre ao lado da esposa Ruth, várias séries na Netflix. Durante a exibição de uma delas – “Merlí”, sobre um professor de Filosofia – buscou a inspiração que resultou nesse livro.

*Memórias da Quarentena* será lançado em setembro, com o selo da Editora Consultor e concepção gráfica de Isio Ghelman. A bela ilustração da capa foi assinada por Cláudio Duarte. O número 85 representa um texto para cada ano de vida. Dividida em três partes, a obra traz

lembranças de estudos relacionados à filosofia, além de sentimentos dedicados à família e conceitos de educação, três universos em que o professor Niskier sempre transitou ao longo da vida, deixando um rastro de brilho e saudades. Em tempos sombrios como os que temos vivido, sua leitura flui como um bálsamo. Sem contar o aprendizado que fica.

São textos breves, carregados de lirismo, em que o leitor tem a oportunidade de passear, com leveza, entre a filosofia e a contemporaneidade, a Netflix e a Finlândia, a série do professor Merlí e os epicuristas, dos princípios da ética ao percurso de Zizek, sem perder a ternura do aconchego familiar. A impressão que se tem é a de estarmos sentados na varanda de sua casa de Teresópolis, na região serrana do Rio de Janeiro, à sombra de flamboyants, ouvindo suas bem contadas histórias, no final de uma tarde ensolarada, com a brisa do vento trazendo o luar de uma noite estrelada.

Os escritos apresentam uma “miscelânea filosófica” (título de um dos artigos da primeira parte, que reproduzimos em primeira mão), trazendo à tona reflexões que vão do pensamento medieval, passando pela filosofia da Matemática, Kant, Maimônides, Descartes, Spinoza, Voltaire, Kirkgard, Wittgenstein, Buber, Sartre, Walter Benjamin, Nietzsche, para citar apenas alguns.

Na segunda parte, afloram a poesia e a prosa lírica do acadêmico, expondo mensagens de carinho de um filho extremamente zeloso com a mãe, D. Fany, um marido eternamente apaixonado pela esposa Ruth, um genro saudoso da sogra, D. Paulina Dain Buchman, além de um avô derretido pelas netas Giovanna, Gabriela, Dora, Fernanda, Paula e Bruna. A filha Sandra N. Flanzer, psicanalista e escritora, que atualmente brilha em lives, palestrando sobre o “novo normal”, também é destaque, falando da exigência de nos reinventarmos para enfrentar o futuro pós-pandêmico. A sensibilidade do momento é realçada no artigo Uma bela família, quando a “voz” embarga com a perda do irmão querido, o advogado Odilon Niskier, vítima da Covid-19, aos 94 anos: “É o terceiro (irmão) que se vai. O primeiro foi o Sylvio, com 88 anos, enterrado no Cemitério de Butantã, em São Paulo. Era um admirável professor de Geometria Descritiva do Mackenzie e do Instituto Mauá. Deixou um belo nome no magistério de São Paulo. O segundo, há dois anos, com a idade de 89 anos, foi o também engenheiro Júlio Niskier, professor de Instalações Elétricas e Hidráulicas. Ao inesquecível Odilon, eu e a minha irmã Rachel devemos muito de nossa formação. Chegou a pagar nossos estudos quando isso se fazia necessário, como, no caso dela, no pré-vestibular de Medicina da UERJ.”

## EDUCAÇÃO

Na terceira e última parte, o livro aborda temas relacionados à educação em todo o seu amplo universo, incluindo passagens sobre o pensamento de autores como John Dewey e a nova escola, Freud e o mal-estar, Presença de Piaget, Toynbee e as civilizações, entre outros, além de recordações universitárias, acadêmicas e reflexões sobre o ensino a distância e o “dayafter”.

É fato que a literatura não cria a vacina. Nossa ciência é a Língua Portuguesa. Mas não temos dúvida de que os escritores oferecem caminhos, antídotos e remédios poderosos para enfrentar essa pandemia. Nesse sentido, a leitura de *Memórias da Quarentena* se torna expressamente recomendável.

## SELEÇÃO

Antecipamos alguns trechos inéditos do livro.

Parte I – Filosofia

MISCELÂNEA FILOSÓFICA

Ao longo da elaboração desta obra, fomos obrigados a consultar diversos trabalhos, de um belo elenco de autores que cuidaram dos diversos aspectos da Filosofia, que podemos classificar como a ciência que lida com o amor à sabedoria. Eis alguns pensamentos que brotaram desse estudo:

“Sejamos escravos da Lei para que possamos ser livres.” – Cícero  
 “Eduquem-se os meninos e não será preciso castigar os homens.”

– Pitágoras

“Uma casa sem livros é um corpo sem alma.” – Cícero

“Nem sempre os costumes dos filósofos estão em harmonia com os seus preceitos: mas se não vivem como ensinam, ensinam como se deve viver.” – Sêneca

“Os que creem que o dinheiro tudo consegue neste mundo são propensos a fazer tudo por ele.” – Voltaire

“A injustiça feita a um é uma ameaça para todos.” – Montesquieu

“Não há nada que envelheça tão depressa como um benefício.” –

Aristóteles

“A injustiça é o argumento dos que não têm razão.” – Rousseau

“O que temos a fazer é instruir, não proibir.” – Sócrates

“Só à força de ler os livros se aprende a doutrina que eles ensinam.” – Padre Antônio Vieira

“Alcançar um ideal é superá-lo.” – Nietzsche

“O êxito de um bom dito depende mais do ouvido que o escuta do que da boca que o diz.” – Shakespeare

“Todo o meu saber consiste em saber que nada sei.” – Sócrates

“Trata o teu inferior como queres ser tratado pelo teu superior.” – Sêneca

Parte III – Educação

O EXEMPLO DA FINLÂNDIA

Ruth está casada comigo há mais de 60 anos. Temos uma vida feliz e de grande cumplicidade. Tanto que ela participa ativamente da elaboração dos meus trabalhos, como é o caso deste livro. Outro dia, recordou a minha experiência de 13 anos como cônsul honorário da Finlândia, no Rio de Janeiro. A pergunta foi simples e direta: por que o Covid-19 afetou pouco o país escandinavo? É uma verdade que cumpre analisar, com os cuidados devidos.

Conhecendo a realidade finlandesa, inclusive com a visita feita a Helsinki no ano 2000 (em companhia do então ministro Pimenta da Veiga), posso assegurar que tudo é uma questão de civilização, ou melhor, da apurada educação alcançada pelo país escandinavo. Mentalidade do seu povo, como se pode depreender do diálogo que assisti entre seu ministro da Educação e o ministro brasileiro das Comunicações. Este indagou do seu colega como se podiam justificar os altos índices de crescimento social e econômico da Finlândia. A resposta não demorou: “Damos absoluta prioridade à educação. Em segundo lugar, educação, e, em terceiro lugar, educação.” Pimenta pediu que eu anotasse.

Atualmente, por ocasião da pandemia, o número de infectados e de mortos na Finlândia é bem menor do que em outros países europeus. Pode-se atribuir o fato aos cuidados tempestivos do governo, com os

Parte II – Família

MÃE (Lembrança a D. Fany)

Guardo de você as melhores lembranças  
 Dos sacrifícios e permanente carinho  
 Sua figura bonita e cheia de esperanças  
 Minha mãe, o meu doce caminho.

Veio de longe, para o calor tropical  
 Para morar numa vila em Pilares  
 Ao lado do pai, uma companheira ideal  
 Eram assim os imigrantes, nos lares.

Quantas vezes a surpreendi  
 Vertendo um choro contido  
 Era dura a vida aqui  
 Um sofrimento seguido.

O pai, caixeiro viajante,  
 Meses incontáveis de ausência  
 Um verdadeiro judeu errante  
 Foi-nos imposta a abstinência.

Mas a mãe, sem arredar pé  
 Cuidava da casa e de cada rebento  
 Sem jamais perder a fé  
 Na verdade, o nosso sustento.

Veio a doença do pai  
 E ela sempre ao seu lado  
 Disse-lhe, um dia, ele se vai  
 Em Deus a mãe tinha confiado.

Tudo acaba nessa porfia  
 Fica no coração a saudade  
 Dessa longa agonia  
 Que não conheceu idade.

Se pudesse pedir ao destino  
 Algo muito especial  
 Queria ter composto um hino  
 Pró minha mãe sem igual.

isolamentos necessários e o uso dos apetrechos indispensáveis, como máscaras e luvas. O povo obedece.

No livro *Uma Nova Maneira de Pensar* (Edições Consultor, 1997), analisei com os olhos bem abertos o chamado “país dos mil lagos”. A Finlândia foi uma província sueca afastada e pouco povoada, mas, hoje, com os seus 5 milhões de habitantes, é uma das nações mais desenvolvidas do mundo. Pude visitar demoradamente as instalações da Nokia. O avanço da era digital representa um motivo de orgulho do povo finlandês, que sempre lutou pela sua liberdade, como se expressa no poema épico Kalevala.

Depois da II Guerra Mundial, a Finlândia entregou-se a um incontornável processo de modernização e industrialização. Próxima à Rússia (em 30 minutos chega-se de avião a São Petersburgo), facilitou a criação de um grande sistema de trocas comerciais e culturais. Dispõe de uma vasta natureza virgem e mil lagos. É um polo turístico de primeira ordem.



CÁUDIO-  
SUSRI

# Para não errar novamente

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: [amor.anna2014@gmail.com](mailto:amor.anna2014@gmail.com)

Com a imposição do isolamento social, leitura, pesquisa, produção de textos e aulas virtuais preenchem o tempo e enriquecem o pensamento.

Na coleta de material para a produção de aula virtual para professores de Salas de Leitura, resolvi ler detalhadamente os Guias do PNLD 2018, produzidos pelo FNDE/MEC, destinados à escolha de livros pelas escolas da rede pública.

Na apresentação, comum aos Guias da Educação Infantil, Ensino Fundamental (séries iniciais) e Ensino Médio, é feita referência à apresentação facultativa de material de apoio nesse primeiro formato do PNLD literário:

“A escolha dos livros pode ser por obra com a presença ou não do material de apoio, afinal, muitas obras aprovadas oferecem excelentes possibilidades e alternativas metodológicas de leitura e outros trabalhos didáticos. Além disso, você, professor(a), certamente saberá qual a melhor maneira de explorar a leitura literária em sala de aula e de proporcionar a fruição dessas obras de acordo com seus objetivos e planejamento do trabalho pedagógico em sua(s) turma(s).”

Esta afirmativa se aplica a todas as obras literárias, que não necessitam de manuais de apoio forçados para atividades didáticas e desonerariam as editoras do alto custo para a preparação desses manuais. Cabe aos professores enriquecer a leitura literária.

Nos créditos, consta a Universidade Federal de Alagoas – UFAL, como a instituição responsável pela elaboração dos Guias. Entendi que a universidade recolheu todas as resenhas elaboradas por especialistas e deu a forma final ao trabalho. É notório que a obra não teve uma revisão final, e creio que os erros maiores aconteceram no momento da edição. Noventa por cento das resenhas, em todos os Guias, apesar do título “Resenha completa”, terminam subitamente, sem a conclusão do texto. E quando mudam de página, os textos desaparecem e perdem o sentido.

Cito aqui alguns exemplos do Guia PNLD 2018 – Educação Infantil: O jogo de imagens que forma o texto visual atraindo... (p.14)

Em outras palavras, a pergunta é: para você, criança... (p. 222)

A obra pode suscitar o encantamento pela natureza simbólica da linguagem, estimular o exercício do imaginário e facilitar .. (p. 256)

Os mesmos problemas se repetem no Guia PNLD 2018 – Ensino Fundamental:

Não há abordagem simplificadora ou... (p. 26)

O texto abre possibilidades em relação ao ensino-aprendizagem da leitura e à... (p. 179)

Por algum tempo foi feliz ao seu lado, até que descobre a magia do tear e passa a lhe exigir castelos e riquezas. A moça tece e... (p. 275)

A explicação poderia ser o número de caracteres (palavras e sinais) que ultrapassaram o espaço destinado e simplesmente foram cortados na edição, prejudicando a compreensão dos textos e a finalização das ideias.

A não definição, na identificação dos livros, de autor, ilustrador e tradutor, acabou criando confusão entre os profissionais. No livro *João & Maria*, da Editora Intrínseca, Augusto Pacheco Calil (Augusto Calil) é o tradutor, Lorenzo Mattoti é o ilustrador e o autor (adaptador). Neil Gaiman não é citado. Na resenha, o autor é apresentado como ilustrador e no texto referente à obra, um clássico da literatura infantil, é dito:

“É uma obra de aventura, um conto de fadas; mas não somente,

pois o que se passa com João e Maria se aproxima muito mais de um conto de horror relacionado à família, principalmente pela abordagem do abandono dos filhos pelos pais e da morte da mãe e da bruxa como punição.”

A obra premiada pela FNLIJ em 2016 – Melhor tradução e adaptação de reconto –, para o FNDE é considerada com “excesso de palavras em texto longo que pode ser desinteressante para alguns estudantes”. Uma avaliação descontextualizada que confirma que quem a redigiu a desconhece. Para recontar a famosa história criada pelos irmãos Grimm, Gaiman se inspirou nas belíssimas e impactantes ilustrações de Mattoti para comemorar a encenação do conto no Metropolitan Opera, em Nova York, em 2014.

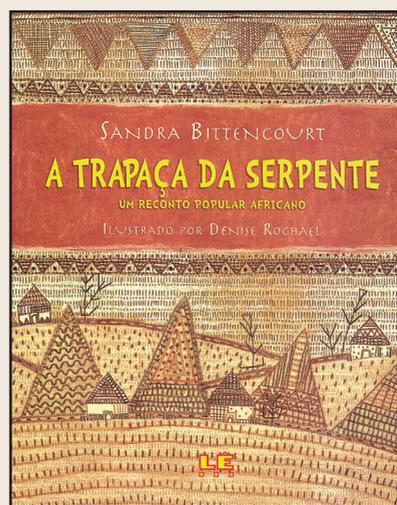
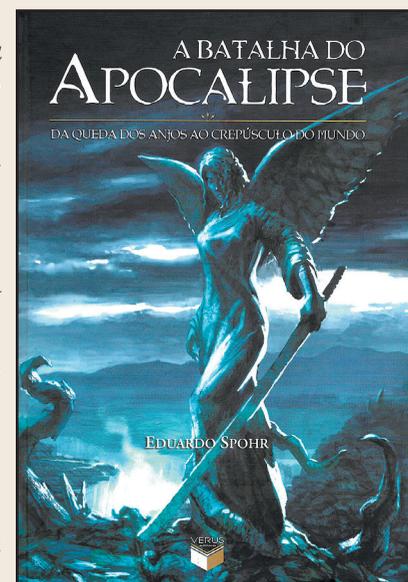
Os mesmos problemas se repetem no Guia PNLD 2018 – para o Ensino Médio.

Minha esperança e confiança está nos professores. Apesar da fragilidade dos Guias, as obras selecionadas oferecem uma possibilidade imensa de leituras memoráveis e ricas atividades. Cabe a eles a seleção adequada e pertinente para o seu trabalho e seus alunos.

Espero que o próximo Guia PNLD 2020 – que já deve estar em elaboração – seja realizado com mais cuidado. Será?



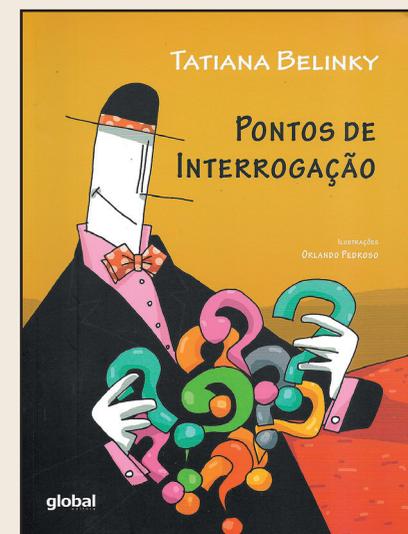
Na leitura, mergulhei no *A Batalha do Apocalipse* (Verus – Grupo Record), que adquirei na Argumento, com entrega especial do Marcus Gasparian. Fiquei surpresa com a quantidade de jovens, em imensas filas, que durante uma das Bienais do Livro, no Rio de Janeiro, traziam seus livros para o autor autografar. A fantasy fiction que encanta os jovens brasileiros, com cerca de 500 mil exemplares vendidos (em formatos variados), em que Eduardo Sôphr cria uma saga impressionante e o bem e o mal simplesmente fogem a todas as definições conhecidas. Objeto de estudo (Lajolo & Zilberman, Literatura Infantil Brasileira – Uma nova/outra história. Pucprpress/FTD), *A Batalha do Apocalipse* envolve história e magia, anjos e demônios e é impossível parar de ler as suas mais de 600 páginas.



Recebi da Lourdinha Mendes (LE) o belo livro *A Trapaça da Serpente*. Sandra Bittencourt nos traz um reconto popular da África, apresentando às crianças a magia da história que Denise Rochael ilustra e nos aproxima da arte africana. Será que a serpente vai continuar enganando a Jovem de Bom Coração ou o Rapaz vai conseguir salvá-la?

O encantamento da querida

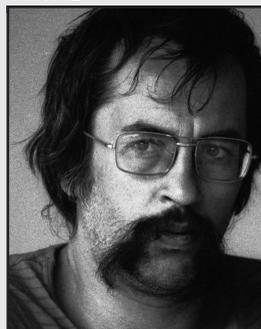
Tatiana Belinki nos acompanha e alegra. *Em Pontos de Interrogação* (Global), com ilustrações de Orlando Pedroso, Tatiana apresenta rimas com histórias sem pé nem cabeça, que por certo farão as crianças dar boas risadas. Os pontos de interrogação fazem a gente duvidar se caracol tem bigode e se sapo come rocambol! Pode?



# JLBBB Biblioteca Básica Brasileira

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Básica Brasileira.

acervo JL



## PAULO LEMINSKI

(Curitiba, 24 de agosto de 1944 – Curitiba, 7 de junho de 1989) Escritor, poeta, crítico literário, tradutor e professor brasileiro. Aos 12 anos, ingressou no Mosteiro de São Bento, em São Paulo, onde estudou latim, teologia, filosofia e literatura clássica. Em 1963, foi para Belo Horizonte. Lá participou da Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, conheceu Décio Pignatari, Haroldo de Campos e Augusto de Campos, criadores da Poesia Concreta. Em 1964, assumiu o cargo de professor de História e Redação em cursinhos pré-vestibulares. Publicava seus textos em revistas alternativas, do tempo marginal, como *Muda*, *Código* e *Qorpo Estranho*. Tinha uma poesia marcante, pois inventou um jeito próprio de escrever, com trocadilhos, brincadeiras com ditados populares e influência do haicai, além de abusar de gírias e palavrões, tudo de forma bastante instigante. Foi influenciado pela cultura japonesa, pois era faixa preta em judô. Escreveu uma biografia de Bashô. Leminski escreveu também letras de músicas em parcerias com Caetano Veloso, Itamar Assumpção e o grupo A Cor do Som. Exerceu atividade como crítico literário e tradutor, vertendo para o português obras de James Joyce, Alfred Jarry, Samuel Beckett e Yukio Mishima. Entre suas obras, estão: *Catatau* (1976); *80 Poemas* (1980); *Agora é Que São Elas* (1984); *Anseios Crípticos* (1986); *Distraídos Venceremos* (1987); *Guerra Dentro da Gente* (1988); *La Vie Em Close* (1991); *Metamorfose* (1994); *O Ex-Estranho* (1996).

acervo JL



## ANTONIO PRATA

(São Paulo, 24 de agosto de 1977) Escritor, cronista e roteirista brasileiro. É filho dos também escritores Mário Prata e Marta Góes e irmão da jornalista de moda, Maria Prata. Escreve aos domingos no caderno *Cotidiano* da *Folha de S. Paulo* e é roteirista e autor da Rede Globo, em que colaborou nas novelas *Bang Bang*, do seu pai Mário Prata e Carlos Lombardi, e também *Avenida Brasil* e *A Regra do Jogo*, ambas de João Emanuel Carneiro. Em 2015, escreveu o piloto da série “Os Experientes”, dirigido por Kiko e Fernando Meirelles. “Os Experientes” venceu o prêmio APCA de melhor série de televisão e foi finalista do Emmy Awards. Escreveu crônicas para a *Capricho* entre 2001 e 2008 e também para o *O Estado de S. Paulo*, (2003-2009). Foi um dos 16 participantes do projeto *Amores Expressos*, passando um mês em Xangai para escrever um romance, até hoje não publicado. Em 2012, foi incluído na edição brasileira da revista *Granta* como um dos vinte melhores escritores nacionais com menos de 40 anos. Obras: *Adulterado* (Moderna), *Pernas da Tia Corália* (Objetiva), *Estive Pensando*, (Marco Zero Editora), *O Inferno Atrás da Pia* (Objetiva), Douglas e *Outras Histórias* (Azougue Editorial), *Merreca Christmas* (Matrix Editora) e *Meio Intelectual*, *Meio de Esquerda* (Editora 34), *Felizes Quase Sempre* (Editora 34), com Laerte Coutinho; *Nu, de Botas* (Companhia das Letras); *Trinta e Poucos* (Companhia das Letras); *Jacaré, Não!* (Ubu); *A Menina que Morava no Chuveiro* (Ubu).

acervo JL



## TATIANA SALEM LEVY

(Lisboa, Portugal, 1979). Romancista, contista, tradutora, ensaísta e autora de histórias infantis. Descendente de judeus turcos, nasceu durante a Ditadura Militar, quando a família vivia exilada em Portugal. Nove meses depois do nascimento, a família voltou para o Brasil. Graduiu-se em Letras pela UFRJ em 1999, concluiu mestrado em Estudos Literários em 2002, pela PUC-Rio, com a dissertação intitulada *A Experiência de Fora: Blanchot, Foucault e Deleuze* (Relume Dumará), em 2003, e pela Civilização Brasileira em 2010. Morou na França e nos EUA durante o doutorado, concluído em 2007, pela PUC-Rio. Escreveu contos incluídos nas coletâneas *Paralelos* (2004), *25 Mulheres que Estão Fazendo a Nova Literatura Brasileira* (2005), *Recontando Machado* (2008), *Dicionário Amoroso da Língua Portuguesa* (2009), *Primos, Se não houvesse amanhã*, entre outros. *A Chave de Casa* (2007) é seu primeiro romance, com elementos autobiográficos. Ganhou o Prêmio São Paulo de 2008 na categoria Melhor Livro de Autor Estreante. Em 2010, organizou a coletânea de contos *Primos*, publicada pela Editora Record. O livro reúne histórias escritas por autores brasileiros descendentes de árabes e de judeus. *Dois Rios* foi publicado pela Record em 2011, também em Portugal, Itália e França. Escreveu os livros infantis *Curupira Pirapora* (Tinta da China, Prêmio da FNLIJ) e *Tanto Mar* (prêmio da ABL). Um dos seus mais recentes romances, “Paraíso”, foi publicado no Brasil no final de 2014, pela editora Foz.

## FAÇA COMO O SAFRA. INVISTA NO SAFRA.

**VOCÊ PODE. Investimentos Safra.**

Ter performance e segurança nos seus investimentos e receber uma excelente orientação financeira do mercado. No Safra, você pode.

# Safra

Tradição Secular de Segurança

Fale com nossos gerentes ou ligue para 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados.

Central de Atendimento Safra: 0300 105 1234, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 21h30, exceto feriados. Atendimento aos portadores de necessidades especiais, auditivas e de fala / SAC – Serviço de Atendimento ao Consumidor: 0800 772 5755, atendimento 24 horas por dia, 7 dias por semana. Ouvidoria – caso já tenha recorrido ao SAC e não esteja satisfeito(a): 0800 770 1236, de 2ª a 6ª feira, das 9h às 18h, exceto feriados.



Por Zé Roberto

# arte Desenharte



zrgauna@hotmail.com

## AP STELLING

Quem visita a Sala Leila Diniz, espaço cultural da Imprensa Oficial do RJ, em Niterói, vislumbra em sua entrada uma belíssima pintura na parede externa, à esquerda da galeria. Numa arte tipicamente “urbana”, surge o retrato da saudosa atriz, cujo nome batiza este que é um dos mais bonitos espaços culturais da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A obra é assinada por AP Stelling (foto de Nei Lima), artista atuante que reside em Niterói, mas já exibiu seu talento em outras localidades.

Formada em Design de Moda pelo Centro Universitário Plínio Leite – Unipli, em 2010, Andréa Paula Stelling iniciou nas artes, em 1986, quando ingressou no SENAC para estudar Desenho de Propaganda com o caricaturista Nei Lima. Até o ano de 1995, continuou desenvolvendo suas atividades artísticas, passando por diversas instituições, como o Parque Lage, Museu do Ingá, La Salle e Atelier Danilo Brito.

Entre os anos de 1996 e 1997, ministrou o curso de Objetos em papel reciclado, no Museu do Ingá, em Niterói. Trabalhou como assistente de produção no projeto Niterói@rtes e no Departamento de Documentação e História na Fundação de Arte de Niterói – FAN. Coordenou o projeto Em Movimento, no Horto Botânico, Fonseca, da Secretaria de Cultura de Niterói, em 2001 e 2002. Participou do projeto Oficina de Artes, dando aulas de desenho, pintura, composição e mosaico, nas comunidades de Jurujuba e Ilha da Conceição, de 2002 a 2008. Participou de diversas exposições, incluindo as individuais no Centro Cultural Joaquim Lavoura, em São Gonçalo, 1994; no Centro Cultural Bamerindus de Niterói, em 1995, e na Sala José Cândido de Carvalho, na mesma cidade, em 2000.

Artista multimídia começou a atuar em espaços urbanos com stencils em 2007. A partir daí, suas artes ganharam as ruas, marcando presença nas duas primeiras edições da Copa Graffiti, do Metrô Rio, em 2012 e 2015, quando pintou as estações de Acari e Vicente de Carvalho. Coordenou oficina de graffiti no SESC de Nova Iguaçu através da Rede Nami, em 2013. No mesmo ano, participou de



AP Stelling com sua Leila Diniz.

Nair de Teffé.



A ginasta Flávia Saraiva.



três exposições nas unidades do SESC de Niterói, Barra e Nova Iguaçu, todas coletivas voltadas para temas que abordam o universo feminino. Pintou nos eventos da ONU, Mulheres em Brasília, em 2013 e 2014. Também em 2014 foi uma das artistas a pintar no GaleRio, na estação Colégio, e participou do Art Ataque, evento da Nike, no Rio de Janeiro. Esteve presente no evento Rio a Cultura dos Cariocas, e participou da exposição coletiva do Festival de Inverno do SESC, Graffiti em Movimento, em Nova Friburgo. Ainda em 2014, a artista pintou no Festival de Cultura Urbana – Niterói SK8 Downhill, e fechou o ano participando da segunda edição da Copa Graffiti, realizada na estação de Vicente de Carvalho.

Em 2015, Andréa emprestou sua arte na revitalização da favela do Cerro Corá, Cosme Velho, com mais 25 artistas, no projeto Rio Eu Amo Eu Cuido; na revitalização do túnel Velho de Copacabana (túnel Almor Prata), projeto do GaleRio em homenagem aos 450 anos do Rio de Janeiro, também com mais 24 artistas. Ainda em 2015, apresentou a individual AP, na Sala Hilda Campofiorito, no Centro Cultural Paschoal Carlos Magno; e participou da 6ª edição do Multigrab Expo Shape, no Galpão das Artes Urbanas Hélio G. Pellegrino (Comlurb).

A artista apresentou suas obras na individual Encarne Viva, onde exibiu trabalhos de spray em suportes reutilizados e recolhidos nas ruas, como gavetas, portas e partes de armários desmontados, na Sala de Cultura Leila Diniz, em junho de 2015.

Pelo coletivo feminino Elas por Elas, Stelling participou das exposições As atletas brasileiras por nossas artistas, em 2016; Nair de Teffé, a Primeira Dama da Caricatura, em março de 2018, ambas na Sala de Cultura Leila Diniz, em Niterói, e Elizeth Cardoso por elas, mostra on-line que comemorou o centenário da cantora, e que foi exibida nas redes sociais pela Sala Carlos Couto, do Teatro Municipal niteroiense, em julho de 2020.

Para acompanhar a produção artística de AP Stelling, o leitor do JORNAL DE LETRAS pode visitar a desenhista no Instagram, no perfil @apstelling.

Saúde e Arte!

Elizeth Cardoso por AP Stelling.



# Visões e reflexões

Por Roberto Boclin

*Desisti de Te achar no quer que seja, De te dar nome, rosto, culto, ou igreja... — Tu é que não desistirás de mim!*  
(José Régio – Biografia)

O pensamento de Zygmunt Bauman está sempre em consonância com a atualidade, provocando reflexões que transcendem o nosso diálogo coloquial e remetendo-nos a uma realidade inexpugnável e concreta.<sup>1</sup>

O seu conceito de “Modernidade Líquida” define o presente como um momento em que a sociedade se envolve em processo que transforma o cidadão, sujeito de direitos, em indivíduo em busca da afirmação no espaço social, que abre passagem para mudanças nas estruturas de solidariedade coletiva para as de disputa e competição, que convive com o enfraquecimento dos sistemas estatais de proteção às intempéries da vida, gerando uma permanente incerteza, que aponta os eventuais fracassos para o plano individual, que estabelece o fim do planejamento em longo prazo e o divórcio entre poder e política.

O poder fora da política e o fim do planejamento em longo prazo têm o significado da inexistência da utopia e para que ela seja resgatada é preciso que se tenha a noção de que o mundo está mal e deve ser modificado. Além disso, o homem sabe que deve agir e tem a certeza do que deve ser feito para modificá-lo e ter a força e a coragem para fazê-lo.

O potencial humano desafiado é capaz de mudar o mundo.

Na era pré-moderna, segundo Bauman, a figura do homem metaforicamente é a do caçador defendendo o seu espaço imediato, o equilíbrio natural e pensando que as coisas estão boas e que Deus cuida com a sua sabedoria suprema muito superior à dos homens.

No mundo moderno, ainda segundo Bauman, a metáfora da humanidade é a figura do jardineiro que sabe da não existência da ordem no mundo, mas acredita que, no esforço coletivo da humanidade, pode ser resolvido. Ele elabora o seu arranjo de “plantas” na sua cabeça e depois o

<sup>1</sup> O conceito de **modernidade líquida** foi desenvolvido pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman e diz respeito a uma nova época em que as relações sociais, econômicas e de produção são frágeis, fugazes e maleáveis, como os líquidos.

executa. O jardineiro é um fazedor de utopias.

O caçador não garante espaços na floresta para outros caçadores, nem permite que haja reposição do que foi tirado. É possível que, no futuro, se esgotem as reservas, mas isto não importa ao caçador. Somos todos caçadores inevitavelmente e nem percebemos ao olharmos em volta que existe uma multidão de caçadores solitários, perdidos no que denominamos de “individualização”. De repente, parece-nos ter visto um jardineiro que contempla uma harmonia construída além da barreira do seu jardim privado. Ao contrário, são milhares de caçadores no entretenimento individual de suas ambições.

Neste mundo povoado de caçadores, não existem espaços aparentes para utopias sociais. O Thesaurus, de 1892, de Roget, considera utopia o fantástico, fantasia, impraticável, irracional, fictício, o fim da própria utopia.

A ideia de progresso foi transferida da melhoria partilhada para a sobrevivência do indivíduo. O conceito do progresso não é um desejo de corrida, mas de se manter correndo, o truque é manter o ritmo das ondas e, se não quiser afundar, mantenha-se surfando. Mude o guarda-roupa, o mobiliário, o papel de parede, o olhar, os hábitos, mude você mesmo quantas vezes puder, até livre-se de você mesmo, mas continue na vidinha.

Imagine se você não trocasse de carro, não comprasse roupa nova, não trocasse a geladeira ou a televisão, o cosmético, o computador, os móveis para onde iria a economia consumista.

Ser um caçador é uma compulsão, uma dependência. Atingir uma lebre prenuncia o fim das expectativas salvo se houver outra lebre a ser caçada. Para o caçador, não existe missão cumprida, não há descanso e gozo do saque, até a eternidade.

Para os caçadores, a perspectiva de um fim de caça é assustadora, significa a derrota.

Para os jardineiros, a utopia aponta para a paz, para o fim da labuta, para o descanso, mas, para os caçadores, a utopia é um sonho de luta que nunca termina.

Mas, a vida continua como cita Miguel Absensour em *Persistent Utopia*, inspirado em William Morris, em 1886, que escreve que os homens lutam e perdem a batalha e os motivos das lutas e mesmo derrotados transformam-se com outros significados e outros homens tendem a lutar por aquilo mesmo com outro nome.

\*Roberto Boclin é membro da Academia Brasileira de Educação, Diretor Científico da Associação Brasileira de Educação e vice-diretor da Fundação Cesgranrio.

## As coleções acadêmicas

Por Getúlio Marcos Pereira Neves\*

Às Academias de Letras cabe – ideia central da sua criação e permanência – o cultivo da língua e da literatura nacionais. Das regionais, e hoje existem Academias de Letras na maioria dos estados, espera-se um especial empenho no cultivo das expressões literárias do seu âmbito de atuação. Assim, uma das funções das Academias é o de renovar o interesse por certa produção literária que, julgada relevante em seu tempo, possibilitou o ingresso do autor na casa. Tudo isso tem a ver com a noção de imortalidade acadêmica, isto é, a perenização da produção de cada acadêmico, que, em última análise, constitui o patrimônio das nossas casas de letras.

Mas não só de acadêmicos se deve tratar. A Academia Brasileira instituiu ao longo dos anos coleções nas quais publica obras raras, porque esquecidas ou porque deixadas de lado, em cujo rol constam trabalhos de escritores acadêmicos ou não. Em especial as coleções Afrânio Peixoto (idealizador e executor do projeto de publicação pela ABL de obras julgadas importantes) e Austregésilo de Athayde (presidente que consolidou o processo de dotar a ABL de condições materiais adequadas), além da coleção Antônio de Moraes Silva, especializada em estudos sobre a língua portuguesa.

Deve-se a tal iniciativa da Academia Brasileira o acesso facilitado a obras de importância, como a correspondência de Machado de Assis e a de Alphonsus de Guimaraens, os contos de Domício da Gama ou as obras

literárias de Lúcio de Mendonça, o idealizador da casa. Dentre os meus volumes da Coleção Austregésilo de Athayde, colho, por exemplo, *Tragédia Épica (Guerra de Canudos)*, de Francisco Mangabeira, publicado originalmente em 1900. De que outra maneira, a não ser em visita a certas bibliotecas e arquivos públicos, se poderia ter acesso a títulos como esse?

Da mesma forma, a Academia Espírito-santense de Letras, à qual pertenço, se empenha em facilitar ao público o acesso a obras fora de circulação. Em parceria com a Prefeitura Municipal de Vitória, cuida da publicação de coleções literárias que contemplam títulos importantes para a cultura local e já pouco acessíveis. Pretende, por esse meio, não só democratizar o acesso à informação, como também difundir ideias relevantes para a comunidade no processo de autoconhecimento e de formação de identidade. Textos de Afonso Cláudio de Freitas Rosa, Maria Stella de Novaes, Serafim Derenzi, entre outros, todos nomes importantes para a cultura regional, foram republicados na coleção José Costa; autores como, entre outros, Renato Pacheco, Elmo Elton, José Carlos Oliveira, Rubem Braga, Marly de Oliveira, Geir Campos (são já trinta e um volumes publicados), tiveram vida e obra disseminadas nos títulos da coleção Roberto Almada, ele mesmo poeta de importância reconhecida nas letras locais.

Esse é um trabalho importantíssimo realizado pelas Academias de Letras, cuja responsabilidade social deve ficar constantemente evidenciada. Se para o público leitor curioso do conjunto da produção literária que nos trouxe à atualidade as coleções acadêmicas constituem o principal meio de conhecer obras raras, para o pesquisador em geral representam a via de acesso ao material com que constrói o seu trabalho. Seja como for, a publicação de tais coleções trata-se de iniciativa de evidente interesse público.

\*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro dos Institutos Histórico e Geográfico Brasileiro e do Espírito Santo e do PEN Clube do Brasil.

# Prêmio Sesc de Literatura 2020

O escritor carioca Caê Guimaraes, radicado no Espírito Santo, ganhou o Prêmio Sesc de Literatura 2020, na categoria romance, superando 1.358 obras de todo país com o livro *Encontro Você no Oitavo Round, que será editado pela Editora Record até dezembro*.

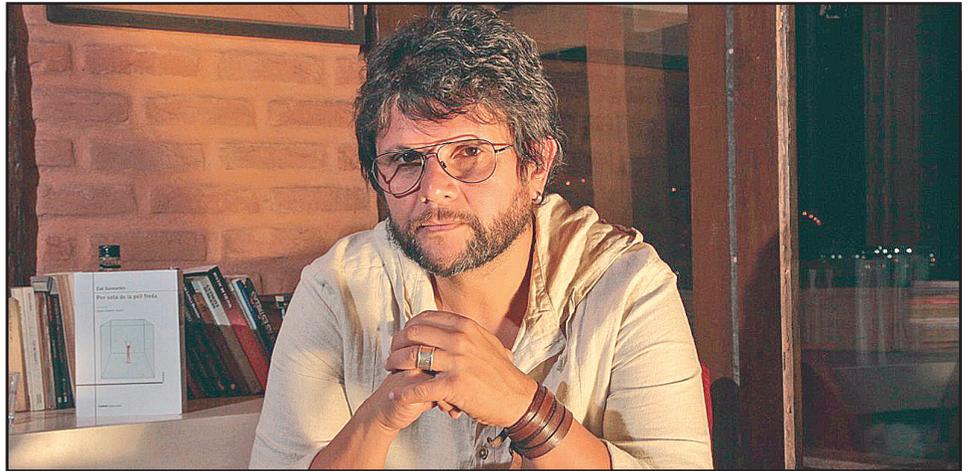
O texto premiado foi o primeiro romance dentre as criações literárias do autor, onde se destacam livros de poesias, tais como *Por Baixo da Pele Fria* (1997); *Quando o Dia Nasce Sujo* (2006) e *Vácuo* (2015). Seus poemas carregam uma visão pouco metafísica do corpo. Órgãos e membros têm um sentido funcional: são objetos receptores de tensões e potências, em que as sensações físicas formadas funcionam como antenas, dando-lhes, também, uma conotação erótica.

Em recente entrevista, Caê falou sobre a arte da poesia: “Penso no poeta como um bruxo, ou seja, alguém que conjura, porque poetas e bruxos trabalham com o princípio da analogia.” Além da atuação poética, Caê costuma trabalhar em narrativas curtas, crônicas e contos, sempre impregnados de uma fina ironia: “A ironia é uma reação inevitável em um mundo que navega sobre a espuma sem mergulhar. Um mundo que se abstém do abismo. Toda arte verdadeira está impregnada de uma farta dose de ironia.”

No romance de estreia, o escritor narra, em primeira pessoa, a história do protagonista Cristiano Machado Amoroso, um pugilista decadente que recebe o convite para vender o resultado de sua última luta. Próximo de completar 40 anos, surge uma jornalista para questioná-lo, gerando muitas inquietações sobre o passado do personagem. Segundo o escritor, o livro demandou bastante pesquisa, apesar de ter sido ambientado no pugilismo, esporte que ele

e o avô praticavam. Jornalista consagrado no Espírito Santo, Caê Guimarães apresentou várias questões desse universo que ele domina. Com críticas ao imediatismo e ao sensacionalismo da imprensa no mundo contemporâneo, o romance é de extensão breve, mas de fôlego concentrado, tendo sido eleito de forma unânime. Segundo Renata Pimentel, uma das juradas que participou da seleção final, “o romance tem um fôlego muito concentrado em uma densidade poética da linguagem que verticaliza e põe em profundidade muito grande a experiência da leitura. Uma escrita que pega do princípio ao fim”.

Carlos Eduardo (Caê) Guimarães nasceu em 1970, no Rio de Janeiro, transferindo-se com a família para o Espírito Santo em 1974. É jornalista, formado pela Universidade Federal do Espírito Santo, e redator publicitário. Já atuou em vídeo e cinema, como roteirista e ator. Em meio à pandemia, enquanto aguarda o lançamento do livro e a circulação pelas diversas unidades do Sesc pelo país, Caê já está com um segundo romance em andamento: *Filho de Zeus e Seu Avô*. Vem mais literatura boa por aí.



Com romance inédito sobre um pugilista, o escritor Caê Guimarães foi o vencedor de um dos mais importantes prêmios de Literatura do país.

## As plantações e os exageros

Por Gabriel Chalita

Conheço o campo melhor do que a cidade. Lá nasci, lá cultivei a terra, lá vi crescer o alimento. Lá, fui me alimentando de interiores, de paciência, de aprendizagens. Acordávamos o dia nos esquentando de trabalho. E era bom. O cheiro da roça ainda vive em mim. Basta uma pausa e a lembrança me alimenta de tempos bons. Uma pausa.

Tenho dois filhos crescidos na cidade. São diferentes de mim como tem que ser. Têm eles outros tempos, outras recordações, outro agir. São adultos, já. Um perdeu o emprego. O outro trabalha, incansavelmente, em casa. O que perdeu o emprego passa horas assistindo a filmes e exagerando no que come. O que trabalha tranca-se no escuro quarto e desaparece o dia que passa. A vida que passa. Tem ele um filho que acompanha as aulas por um computador, enquanto a escola não abre. E que se diverte com as histórias que conto.

Meu neto é minha maior ocupação. Não consigo ajudar no que falta das lições que faltam na escola em casa. Mas consigo contar histórias, consigo brincar, consigo demonstrar interesse em tudo o que ele faz.

Os meus filhos me preocupam. Jogo conversas com algum ensinamento. São respeitosos os dois. Cuidaram de mim, desde que a mãe morreu e um inverno se prolongou em minha alma. Foi cedo a mulher que amei. Sofri de depressão por perdas que se me acumularam. Passou.

Um dos grandes ensinamentos de quem planta é que precisa descansar a terra. Mesmo a terra fértil. A fertilidade da mente humana precisa de descanso.

Minha avó gostava de usar a palavra “fastio”, para nos ensinar que era bom sair da mesa de refeição sem o peso dos exageros. Era elegante aquela mulher. Cultivava o prazer simples do campo e do campo dos afetos humanos. Quando inventávamos de comer bobagens, ela nos dizia com simplicidade, “Não estrague a fome”. Não se referia ela à fome horrenda, fruto da injustiça, que mata a vida ou o futuro de tantos irmãos nossos. Mas a fome que nos permitia encontrar sabor no alimento que virá. O cheiro da comida feita no fogão a lenha ainda mora em mim. O mastigar saboroso de comidas

simples enfeitadas com o canto do mato. Ouvíamos os passarinhos quando o pão feito em casa nos despertava prazer. O caldo quente da noite era a refeição mais leve. Também a conversa deveria ser assim. À noite, era preciso evitar gastar tempo com aborrecimentos. O sono era sagrado. Continuei com esses saberes.

Meu filho, que gasta os dias fazendo a mesma atividade, come uma comida seguida da outra. Acaba de almoçar e faz pipoca para ver o filme. Logo depois, um pouco de sorvete. Logo depois, um salgado qualquer. E sempre deitado. E assim não percebe o que come nem percebe que o dia tem diferentes horas para diferentes ações. O que trabalha não quer se levantar. Sentado em frente a um computador, enquanto sua empresa pede que fiquem em casa. Vez em quando, eu insisto e ele atende. Forço a mudar de posição, a dar uma pausa, a brincar com o seu filho. Ele obedece, mas, logo em seguida, esquece.

Não temos muito dinheiro, mas temos o suficiente para não nos faltar nada. Quando olho em volta, percebo o quanto precisamos agradecer. Mas tenho, ainda, as ilusões de plantar algo nesses dois.

A vida é curta e é larga. É curta no tempo e larga nas possibilidades. Quando nos decidimos mudar para a cidade, foi para que os nossos filhos tivessem uma escola melhor. Também gostei de trabalhar no comércio, de negociar, de conhecer vidas. Aos poucos falávamos, minha mulher e eu, sobre o que puderam aprender e sobre o que deixaram de viver. Não sei se erramos ao exigir tanto deles. Não sei se teria sido diferente se tivéssemos permanecido entre as montanhas. O que sei é que os exageros sempre me preocuparam. Os que bebem demais, os que comem demais, os que reclamam demais, os que descansam demais, os que falam demais. Fastio nunca é bom.

Meu neto acorda e já me pede uma história, enquanto preparamos juntos o café. Depois, vêm os dois. Conversamos um pouco e eles se vão para os seus quartos. Ficamos nós dois. Assisto às aulas com ele e ele gosta. No intervalo, peço alguma explicação. Sei que isso é importante para que ele valorize o que está aprendendo. Depois, ele me vê preparando o almoço. Ontem, me viu chorando, quando cortava o quiabo em pedaços pequenos. Falei de sua avó. E ele achou bonito. Disse que, quando tiver uma filha, vai dar o nome de Helena, da minha Helena. E eu agradei.

Não quero reclamar da família que tenho, só quero que eles queiram a felicidade. Não sei quanto tempo ainda tenho. O que tenho de mais precioso mora em mim e eu preciso arrumar meios leves para que eles percebam e que ainda aprendam antes de eu ir.

Com as crianças é sempre mais fácil. Os adultos, como acham que sabem, demoram mais para compreender.

# A SUA EMPRESA NÃO ESTÁ SOZINHA. O SINDICATO TRABALHA COM VOCÊ.

A união faz a força. Uma categoria unida tem muito mais condições de se proteger das oscilações do mercado e das alterações e introduções de novas legislações. É por isso que a sua empresa precisa do sindicato: para trabalhar pelos seus interesses junto aos órgãos competentes.

**Fortaleça quem fortalece a sua empresa.**

## CONTRIBUA PARA O SEU SINDICATO.

Acesse [www.fortalecasuaempresa.com.br](http://www.fortalecasuaempresa.com.br)  
e saiba mais.



# Sugestões de leituras para a tal de quarentena

Por Danilo Gomes\*

Nesta terrível temporada da pandemia que assola o mundo, temos tido belos exemplos de solidariedade, de ajuda de todos os tipos, de mutirões voluntários para amenizar o sofrimento. O egoísmo tem dado lugar ao altruísmo e ao heroísmo em benefício do próximo. Vem, assim, em boa hora, a oportuna iniciativa do Presidente da Academia Mineira de Letras, escritor e professor Rogério Faria Tavares, de solicitar aos membros da Casa a indicação de bons livros para serem lidos neste tempo de exílio forçado, por meio do site e do Facebook da nossa tradicional agremiação. Foi a mensagem que recebi de Gabriella Pawlowski, estagiária da área de comunicação da Academia a que tenho a honra de pertencer desde 1995, sucedendo ao consagrado Cyro dos Anjos (primeiro Presidente da Associação Nacional de Escritores – ANE, hoje presidida por Fabio de Sousa Coutinho) na cadeira nº 1. Presidia a Academia (hoje com 110 anos) o saudoso benemérito Vivaldi Moreira, mais tarde justamente aclamado Presidente Perpétuo, graças à sua dedicação e fecundo trabalho.

Ofereço minha modesta contribuição.

Sempre gostei muito de livros de crônicas, memórias, biografias, até diários, e também de contos e romances de aventuras. O que não dispensa um Machado de Assis, um Flaubert, um Stendhal, um Vitorino Nemésio, um Luís Forjaz Trigueiros, Eduardo Frieiro, Ítalo Calvino, Borges, Isaac Bashevis Singer, Umberto Eco, Gabriel García Marquez, aqueles notáveis russos, Thomas Merton, Carlos Fuentes, Naguib Mahfouz (o egípcio ganhador do Prêmio Nobel de Literatura de 1988, autor de *Noites das Mil e uma Noites*), Rachel de Queiroz, tantos outros. Em especial, nossa rica literatura brasileira, como vocês sabem. Bibliotecas e livrarias (e sebos!), estantes virtuais: são um nunca acabar. Ainda bem.

Mas, nesses tristes dias de pandemia de coronavírus (Covid-19), de confinamento social, permitam-me sugerir uma leitura mais leve, mais amena, posto que muito interessante e sedutora.

Para começar, crônicas, um dos gêneros de minha predileção, um rio que corre desde o Império, com o já citado Machado (o amado Bruxo do Cosme Velho), Alencar, Raul Pompéia, Francisco Otaviano de Almeida Rosa, Lima Barreto, João do Rio, Bilac, Vicente de Carvalho (também poeta), tantos outros, chegando a Carlos Drummond, Bandeira, Rubem Braga, Elsie Lessa, Paulo Mendes Campos, Vivaldo Coaracy, Alberto Deodato, José Bento Teixeira de Salles, mais outros tantos. Recomendo abrirem o Portal da Crônica Brasileira, na internet, recentemente criado em São Paulo pelo belorizontino Humberto Werneck e uma equipe de primeira linha.

Não esperem deste modesto cronista uma vistosa relação erudita e sofisticada. Não destacarei nenhuma obra específica da nossa admirável literatura brasileira. Cometeria injustiças, destacando uns e olvidando outros. E nada de Plutarco, Suetônio, Tácito, Tito Lívio, Júlio César, Cícero, Thomas Carlyle, Edward Gibbon ou Mommsen, ligados ao mundo da História, minha paixão. Sou navegador de pequeno curso, de cabotagem, de beira-mar. Aqui e agora, abro minha lista com *As Minas do Rei Salomão*, de Henry Ridder Haggard, que encanta jovens, adultos e idosos, como eu, avô de quatro netos. Os leitores de *As Minas do Rei Salomão* caminham penosamente em busca do tesouro real no misterioso e mágico coração da África, paraíso que seduziu Hemingway, deslumbrado com as neves do monte Kilimandjaro. *As Minas do Rei Salomão* virou filme duas ou três vezes. Já li o livro umas três ou quatro vezes, em diferentes traduções para o nosso vernáculo. Eça de Queiroz, cativado, o traduziu para o português. O livro passa até como obra dele, em certas errôneas bibliografias. O talentoso grande homem da Póvoa do Varzim era apenas um fã da criação do autor inglês.

Prossigamos com *A Ilha do Tesouro*, de Robert Louis Stevenson, e com *Nos Mares do Sul*, do mesmo autor escocês, que também escreveu *O Médico e o Monstro*.

Meu saudoso amigo poeta, prosador e acadêmico Lêdo Ivo (cuja vasta obra a escritora e acadêmica Elizabeth Rennó conhece muito bem) escreveu

um livro intitulado *A Ética da Aventura*. Ele foi (como eu e meu velho amigo e confrade acadêmico Pedro Rogério Moreira) um infatigável leitor da Coleção Terramarear, da editora Saraiva. Era uma coleção de livros de aventuras. O escritor alagoano aborda, no capítulo inicial, as famosas obras aureoladas pela aventura, pelo maravilhoso, pela imaginação, pelo encantatório, saídas das penas de Emilio Salgari, Mayne Reid, Edgard R. Burroughs, Ballantyne, Stevenson, Kipling, Mark Twain, Jack London, Ridder Haggard, Fenimore Cooper, Melville. Mas Lêdo Ivo não se esquece de mencionar Proust, Thomas Wolfe, Dickens, Balzac e o nosso grande escritor cearense José de Alencar.

Lêdo Ivo (que foi membro da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Letras do Brasil, está fundada em Brasília em 1987) poderia enriquecer sua narrativa mencionando Daniel Defoe, que maravilhou o mundo com *Robinson Crusóé*, *Os Amores de Moll Flanders*, *Uma História dos piratas* e (cruz-credo!) *Diário do Ano da Peste*.

Nesse capítulo, *A Ética da Aventura* (que dá título ao livro), Lêdo Ivo (1924-2013) poderia acrescentar autores como Sir Arthur Conan Doyle (o pai de Sherlock Holmes e do fiel Watson), que escreveu também *Contos de Piratas*. Presumo que Daniel Defoe, Conan Doyle, Jules Verne e Karl May não foram contemplados na Coleção Terramarear.

Acabaram ficando de fora também Jonathan Swift (*As Viagens de Gulliver*), Sir Walter Scott (*Ivanhoé*) e outros clássicos de narrativas desse jaez, muitas delas com ensinamentos morais, explícitos ou subliminares.

Escritores dos séculos XVIII e XIX gostavam muito de escrever sobre façanhas de piratas, flibusteiros, bucaneiros, corsários, reluzentes tesouros escondidos no Caribe, aventuras oceânicas, galeões carregados de ouro e prata, pau-brasil, papagaios, macacos e outros animais exóticos, especiarias, etc. E o público adorava (vá lá o verbo sacramental) essas histórias excitantes. Já antes, os próprios livros em forma de diários de Colombo, Vespúcio, Pigafetta e outros navegantes viraram best-sellers.

E nem falamos de Heródoto, Estrabão, Marco Polo, Fernão de Magalhães e Sebastián Elcano, Vasco da Gama, Cabral, Ponce de León, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, Fernão Mendes Pinto, Capitão James Cook, Fernão Dias Paes Leme, Henry Stanley, Richard Francis Burton (o do século XIX), Amundsen, Scott, nosso bem-aventurado Cândido Rondon.

Para suportar o forçado recolhimento caseiro nesta amarga quarentena, permitam a este modesto escriba também sugerir a deliciosa fruição da leitura das variadas edições desse livro imortal e monumental das literaturas persa e árabe que é *As Mil e uma Noites*. Um clássico do encantamento e da fantasia. Temos uma impecável, talvez insuperável tradução do árabe por Mamede Mustafa Jarouche, professor da USP (são quatro volumes maravilhosos).

A bela Scherazade, com suas histórias contadas para o poderoso sultão Shahriar, pode ajudar-nos a tornar nossas noites de quarentena mais agradáveis e até felizes. *As Mil e uma Noites*, com ou sem tapetes mágicos: esse clássico escrínio de histórias é um fiel retrato da alma humana, dividida entre o Bem e o Mal, a poesia, a luz e as trevas. Com sensualidade, humor, suspense e sabedoria. Um livro de muitos autores, escrito durante séculos. Aqueles contos são obras-primas da arte de contar histórias. Naquele conjunto, os leitores encontrarão maravilhas, encantamentos, magos, trapaceiros, ladrões, assassinos, dervixes, princesas, odaliscas, pessoas muito simples do povo, grão-vizires, eunucos, megeras, tiranos, invejosos. Entre o fantástico e o sobrenatural, terão surpresas, espantos, sustos. Ali, as paixões humanas em tumulto. O mundo em que viveu o poderoso sultão Haarum-Al-Rachid.

Ensina-nos o mestre Mamede Mustafa Jarouche, diante da magia de Bagdá, Kufa, Mossul, Cairo, Damasco e dos mares singrados por Sindabad, o marujo, o navegante:

“São todas narrativas que, a seu modo, discorrem sobre o homem, suas ambições e seu destino; falam, portanto, a uma vasta gama de seres humanos e sensibilidades, em muitos tempos e lugares, apresentando, enfim, aquela característica tão peculiar não só às *Mil e uma Noites*, mas a toda grande obra literária: a capacidade de interessar e deleitar, indistintamente, qualquer leitor que ame uma boa história.”

Zuenir Ventura escreveu: “Quem apostou na morte do livro morreu primeiro.” E Michael Ondaatje, autor de *O Paciente Inglês*, cunhou esta frase: “O livro é um jantar solitário.”

O tempo dos leitores confinados em casa será também muito bem empregado na leitura de duas obras sedutoras e muito bem ilustradas: *Manual dos Lugares Fantásticos*, de Alberto Manguel e Gianni Guadalupi, e *História das Terras e Lugares Lendários*, de Umberto Eco.

Fé em Deus, saúde, serenidade, esperança, um pouco de meditação e prazerosa leitura para todos vocês, queridos e pacientes leitores!

\*Danilo Gomes é membro da Academia Mineira de Letras.

# O continente africano é o maior

Por Manoel Goes\*

Apesar da pandemia do novo coronavírus ser a mais grave crise sanitária de nossa geração, está longe de ser a primeira. Especialmente na África, um continente que enfrentou severas epidemias de malária, tuberculose, cólera, HIV, sarampo e ebola. Todas essas doenças tiraram vidas, mas também forçaram a comunidade científica e médica africana a inovar.

A população africana está acostumada a reagir rapidamente, a recorrer aos irmãos voluntários no meio rural. Acho que isso lhes permitiu circular informações sobre medidas de prevenção e aplicá-las a tempo. A recente epidemia de ebola que atingiu a África Ocidental, com maior intensidade entre 2014 e 2016, causou estragos em países como Guiné, Libéria e Serra Leoa e deixou mais de 12 mil mortos, ensinando aos africanos como conter surtos.

O continente africano é o maior em número de países, 54. Região do mundo com mais países em que a língua oficial é o nosso português. Em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Moçambique, São Tomé e Príncipe falam, com as variações linguísticas de cada local, o mesmo idioma que nós brasileiros. Local de onde vieram brutalmente escravizados, parte expressiva da população formadora do nosso país.

Nada disso parece ser suficiente, para que grande parte da mídia brasileira, e mundial, adotem outra postura sobre a pandemia do novo coronavírus na África, que não seja o silenciamento, entendido aqui como uma política de produção de sucessivos silêncios, indicando uma interdi-

ção, um “não poder dizer” injustificável.

Se sobram conteúdos sobre números de infectados, mortos e ações de governo de países como Estados Unidos, Alemanha, Itália, Espanha e China, e o próprio Brasil, por exemplo, há uma invisibilização sobre o que se passa no continente africano, em que atualmente vivem mais de 1 bilhão e 200 mil pessoas e que, segundo estimativas da ONU – Organização das Nações Unidas, abrigará, em 2050 – 21% da população mundial.

Mesmo deixando as cifras oficiais em quarentena, pela escassa capacidade de diagnóstico em alguns países, vive a África um problema que não devemos mascarar. A experiência na gestão de outras epidemias, como a tuberculose, o sarampo e o ebola, o intenso envolvimento comunitário em questões de saúde pública e a juventude de sua população permitiram, até agora, evitar o colapso.

Entretanto, as perspectivas não são boas. O continente tem os sistemas sanitários mais fracos do mundo, faltam respiradores, leitos de UTI e pessoal. Por isso a OMS – Organização Mundial de Saúde, estima que haverá 200 mil mortos africanos por Covid-19 nos próximos 12 meses.

Além da crise sanitária, o pior golpe foi o econômico. As populações, sobretudo nas grandes cidades, como Johannesburgo e Lagos, viram-se submetidas a duros confinamentos, a toques de recolher e à impossibilidade de se deslocarem com normalidade. Em um continente onde duas em cada três pessoas vivem com dinheiro contado, tendo o comércio informal como fonte de sustento, a interrupção das rotas comerciais internas foi um suplício insuportável.

Pela primeira vez em um quarto de século, a África subsaariana enfrenta uma recessão. Para tratar de amortecer os estragos na economia, as fronteiras estão sendo gradualmente reabertas em plena aceleração da pandemia. Os movimentos forçosos da população africana se intensificarão. Assim como demorou mais a chegar, as previsões apontam que o vírus também levará mais tempo para ir embora, do continente africano. Tal qual em “terras brasilis”.

\*Manoel Goes Neto é presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Vila Velha e diretor no Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo.



Toda teoria  
tem um LADO  
PRÁTICO.  
ESTÁGIO  
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

**FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !**

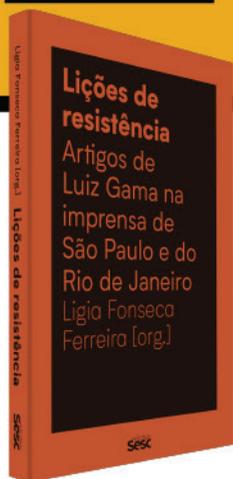
INFORMAÇÕES:  
Disque Estudante  
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site [www.ciee.org.br](http://www.ciee.org.br)



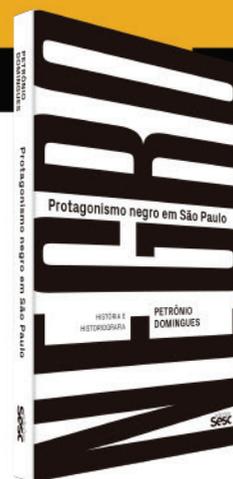
# SEM MEMÓRIA NÃO HÁ CULTURA



## LIÇÕES DE RESISTÊNCIA artigos de Luiz Gama na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro

Ligia Fonseca Ferreira (org.)

Este livro reúne artigos publicados na imprensa de São Paulo e do Rio de Janeiro (de 1860 a 1880), em que Luiz Gama – negro, ex-escravo e autodidata – relata a história de mulheres e homens anônimos que permaneceram sob o regime de escravidão, mesmo após a Lei do Ventre Livre.



## PROTAGONISMO NEGRO EM SÃO PAULO história e historiografia

Petrônio Domingues

Livro narra a experiência negra no decurso pós-abolicionista, quando as relações entre senhores e escravos deixa de existir, a partir de sujeitos, fatos, cenários, agências, conexões, movimentos sociais, políticas raciais, fluxos culturais e narrativas identitárias.



## BENS CULTURAIS E DIREITOS HUMANOS

Inês Virgínia Prado Soares  
e Sandra Cureau (org.)

Obra procura definir a natureza e o alcance dos direitos culturais, discutindo o patrimônio natural e o conhecimento tradicional, a importância da memória e da preservação de vestígios materiais para a investigação da verdade histórica, e como promover o acesso a esses bens.